



Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia: diversas perspectivas



**RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES
(ORGS.)**

**PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA:
DIVERSAS PERSPECTIVAS**

Vol. 1

**PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA:
DIVERSAS PERSPECTIVAS**

Vol. 1

Organizadores:
**RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES**

**Editora do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Recife/PE
2022**

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Canva.com

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Paulo Freire e o uso da imagem visual na geografia
[livro eletrônico] : diversas perspectivas :
vol. 1 / organizadores Ricardo Santos de Almeida,
Maria Aparecida Vieira de Melo, Maria Erivalda dos
Santos Torres. -- Recife, PE : Centro Paulo Freire
Estudos e Pesquisas, 2022.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-87824-14-7

1. Educação 2. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica
e interpretação 3. Geografia - Estudo e ensino
4. Pedagogia 5. Prática de ensino 6. Prática
pedagógica 7. Professores - Formação I. Almeida,
Ricardo Santos de. II. Melo, Maria Aparecida Vieira
de. III. Torres, Maria Erivalda dos Santos.

22-108349

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Copyright © 2022. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais.

2022. Escrito e produzido no Brasil.

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inez Maria Fornari de Souza	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	IFAL, UFAL/NUAGRÁRIO, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dedicamos este livro a todos os pesquisadores e pesquisadoras
que lutam e acreditam em um mundo mais justo.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Ricardo Santos de Almeida: Doutorando em Geografia na UFSM. Doctorando en Ciencias de la Educación na UI. Mestrado: Geografia pela UFS (2016). Especializações: Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - com Ênfase em Didática pelo IFRN (2020), Geografia Humana e Econômica pela UNINTER (2019), Administração Pública pela UCAM (2016); Geografia e Meio Ambiente pela UCAM (2014); Educação do Campo pela UCAM (2013); Formação para a Docência do Ensino Superior (2011). Graduações: Pedagogia pela UNINTER (2018), Geografia Licenciatura pela UFAL (2014), Gestão de Pequenas e Médias Empresas pela FAA (2009). Desenvolve pesquisas relacionadas às temáticas: agronegócio, território e territorialidades, processos de ensino-aprendizagem em Geografia e Educação do/no campo. Docente da rede pública de Porto Calvo/AL e atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas/Universidade Aberta do Brasil. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Camponeses (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. É também associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire).

E-mail: ricardosantos@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5955679764505968>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.

Maria Aparecida Vieira de Melo: Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social.

E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>.

Maria Erivalda dos Santos Torres: Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1997) e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1988). Coordenou o Fórum Estadual de EJA/PE e o Fórum Regional do Agreste Centro Norte. Atualmente é Presidente do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, Recife/PE. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração de Unidades Educativas.

E-mail: erivaldatorres@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
Domingos Aparecido dos Reis	
APRESENTAÇÃO	13
Ricardo Santos de Almeida	
Maria Aparecida Vieira de Melo	
Maria Erivalda dos Santos Torres	
O USO DA IMAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA: ESTUDO DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP	16
Marcelo Fernando da Silva Mateus	
Maria Aparecida Vieira de Melo	
IMAGEM E REPRESENTAÇÃO: O USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA	35
José Jadson dos Santos Silva	
Maria Aparecida Vieira de Melo	
GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS	59
Lucia Maria Reis Breder	
Maria Aparecida Vieira de Melo	
USO DE IMAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM CONTEXTO EDUCACIONAL FORMAL: UM CONVITE À REFLEXÃO DOCENTE A PARTIR DE COLETA DE DADOS NA COMUNIDADE PASSO DA PÁTRIA	71
Tiago da Silva Bezerra	
Ricardo Santos de Almeida	

A EXPERIÊNCIA DO CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM MODO DE PENSAR POR IMAGENS Pietro Renato Felix de Queiroz Ricardo Santos de Almeida	83
CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO COM O USO DE IMAGENS NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL Maria Misaely Lucena Araújo Maria Aparecida Vieira de Melo	106
NOVOS OLHARES EM NOVOS TEMPOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA GEOGRAFIA CONECTADA AOS PRECEITOS DE PAULO FREIRE E VOLTADA A UMA EDUCAÇÃO INOVADORA Henrique Clementino de Souza Ricardo Santos de Almeida	116
O USO DO LÚDICO COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E ENSINO DE CONTEÚDOS PARA APRENDIZAGEM Francisco Eliardo Nobre de Sousa Maria Aparecida Vieira de Melo	134

PREFÁCIO

Com imensa satisfação apresentamos neste livro intitulado: *Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia: diversas perspectivas*, que contemplam artigos e relatos de experiências no contexto educacional promovendo um diálogo epistemológico entre os pensamentos de Paulo Freire e a Geografia na formação do pensamento geográfico dos estudantes na Educação Básica.

Os autores por abordagens diferentes no uso da imagem visual no componente curricular, tiveram um grande desafio decorrente a 2 anos de Pandemia do COVID-19 com ensino remoto emergencial e híbrido para não prejudicar nos conhecimentos de representar, compreender, questionar uma determinada realidade e refletir sobre ela em qualquer escala, seja local, regional ou mundial.

A Pedagogia de Paulo Freire traz uma reflexão sobre a educação bancária, onde o aluno é apenas passivo de receber os conteúdos e o professor o detentor do conhecimento, diante disso os autores combatem essa educação bancária com os seguintes objetivos em seus artigos: ao analisar os enunciados explicitados por Paulo Freire sobre a imagem visual relacionando a esta ordem do discurso enunciada nas produções geográficas; explicitar a ordem discursiva das categorias de análise geográfica e suas complexidades no corpus dos estudos sobre o uso da imagem visual e a produção do conhecimento geográfico; evidenciar a educação visual como artefato didático-pedagógico a partir dos enunciados discursivos dos docentes de Geografia e campos afins.

O ensino de Geografia auxilia no desenvolvimento do raciocínio espacial, fomentar o desenvolvimento da cidadania, o pensamento crítico e respeitar a diversidade. O ensino e aprendizagem (temas/conteúdos escolares) resulta na

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

elaboração de situações em um processo dialógicos com a realidade do discente.

No âmbito escolar que os estudantes irão aprofundar os conteúdos do componente curricular Geografia como leitura de mundo em que vivemos é uma construção gradativa, à medida que os alunos aprendem a observar, perguntar-se sobre o que observam, descrever, comparar, construir explicações, representar acontecimentos sociais e naturais de forma cada vez mais ampla, considerando dimensões de tempo e de espaço.

As imagens têm um papel importante no estudo da geografia. A força das imagens atualmente é inquestionável. Elas constituem material didático extremamente importante para o professor, pois revelam intencionalidades de quem as produziu, devendo ser contextualizadas e datadas.

Enfim, o livro contribui que o papel do professor é fundamental nesse processo do uso da imagem visual além dos livros didáticos na disciplina de Geografia onde consta muitos entraves e dificuldades a serem superadas no desenvolvimento crítico dos estudantes.

Boa leitura!

Prof. Esp. Domingos Aparecido dos Reis
Miami University of Science and Technology (MUST)

São Paulo/SP, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5729-1900>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1334111273034058>

E-mail: domingos.professor2020@gmail.com

APRESENTAÇÃO

O presente livro, intitulado *Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia: diversas perspectivas*, traz uma contribuição imprescindível para o pensar didático-pedagógico e geográfico em diversos aspectos, a saber: ensino, pesquisa e extensão. Esta obra é resultado de um amplo debate e reflexões realizadas coletivamente entre as pesquisadoras e os pesquisadores com estudos aqui socializados e dedica-se em ser uma materialização e expressão de professoras e professores que participaram do curso estando em recortes geográficos diferentes no Brasil dispostos a aprender e socializar conhecimentos.

Aqui professores-pesquisadores cursistas do Curso de Aperfeiçoamento em: Paulo Freire e o uso pedagógico da Imagem Visual em Geografia, curso desenvolvido pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Pró-Reitoria de Extensão da UFRN - PROEX/UFRN, proporcionam pela dialogicidade contribuições freireanas sobre o uso da imagem visual e sua utilização na prática educativa em Geografia. O curso de Aperfeiçoamento fundamenta-se numa metodologia participativa, na qual os temas foram debatidos e consolidados durante todo o processo, entre educadores e educandos, possibilitando um processo mútuo e dialógico de produção de saberes sobre o uso da imagem visual.

A escolha metodológica do curso adotou uma concepção pedagógica baseada na participação, no diálogo e na problematização da realidade vivenciada pelos participantes no contexto da labuta docente. Logo, o próprio curso foi um espaço para vivenciar a educação popular e uma experiência de gestão compartilhada entre educandos e educadores.

A imagem visual é produtora de conhecimento geográfico, e, portanto, seu uso deve ultrapassar a condição de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mera ilustração. Logo, o atual status da imagem visual pode ser superado na Geografia a partir de sua produção associada a produção de conhecimento geográfico.

No que se refere à relevância social desta obra evidenciam-se a cultura do uso da imagem visual e como ela é utilizada, seja como um clique para si, ou mesmo consumido pelas pessoas para os mais diversos fins emergindo o uso da imagem no processo de alfabetização presente na proposta pedagógica freireana. As pessoas vivem fissuradas nas imagens, e elas circulam muito podendo ter diversos usos. Logo, defenderemos o discurso sobre a imagem visual na Geografia para além das finalidades didático-pedagógicas, pois a nossa assertiva é de que a imagem visual pode produzir conhecimentos geográficos. Afirma-se, portanto, a dimensão da disseminação do conhecimento. Onde se coloca a imagem como produtora de conhecimento e esta terá utilidade social, já que a imagem circula global e localmente através das redes sociais e de outros meios digitais. Então, diante disso, a nossa assertiva sobre a tese aqui defendida é que a imagem visual é produtora de conhecimento geográfico.

No que se refere a relevância institucional se faz necessário enfatizar que por mais que a Geografia use a imagem visual, ainda não há reconhecimento de que a partir dela se pode produzir conhecimentos geográficos. Faz-se necessário ultrapassar a condição de que a imagem visual ainda é apenas uma mediadora ou ilustradora dos campos de domínio dos saberes geográficos, como suporte a compreensão das dinâmicas estudadas por disciplinas acadêmico-científicas associadas ao estudo geográfico como a Geomorfologia, a Geologia, a Hidrografia, a Educação Ambiental, entre outras. Ou seja, também cumpre a função de modo interdisciplinar na produção do conhecimento na geografia, pois os saberes estão sendo acionados nesses campos, dos mais diversos modos, como por exemplo, a análise da paisagem. Dito de outro modo,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

quando analisamos uma paisagem acionamos elementos de natureza econômica, social, política e cultural, isto é a imagem visual é afeta a múltiplos saberes elaborados que concernem a produção do conhecimento.

Esperamos que este livro contribua e enriqueça o conhecimento de graduandos, docentes, pesquisadores e amantes da Ciência Geográfica.

Prof. Dr. Ricardo Santos de Almeida
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Maceió/AL, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5955679764505968>.

Prof. Dra. Maria Aparecida Vieira de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó/RN,
Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>

Profa. Ma. Maria Erivalda dos Santos Torres
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Recife/PE, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

O USO DA IMAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA: ESTUDO DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Marcelo Fernando da Silva Mateus¹
Maria Aparecida Vieira de Melo²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo pesquisar e analisar o processo de ensino e aprendizagem através do olhar geográfica a luz das contribuições teóricas de Paulo Freire, com vistas às formas de multidisciplinaridades e vivências dos educandos, tornando-os sujeitos transformadores de sua trajetória educacional. O trabalho se baseou na análise de uma

¹Portador de Licenciatura Plena pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, Campus de Marília-SP. Professor Efetivo em Sociologia da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Atualmente, ocupa a função de Professor Coordenador na Escola Estadual Professor Hugo Miele, localizada no município de Presidente Prudente - São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6045827793084896>. E-mail: fernandomateus@prof.educacao.sp.gov.br.

²Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

intervenção pedagógica realizada na Escola Estadual Professor Hugo Miele do município de Presidente Prudente/SP.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Processo de Ensino e Aprendizagem, Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como viés apresentar uma reflexão crítica e aprofundada sobre o processo de ensino e aprendizagem de Geografia e o uso de imagens a luz de Paulo Freire.

Para Freire, uma educação de qualidade é permeada através do processo de ensino que viabiliza o conhecimento vivido pelo educando, ao passo que também, só se pode considerar de qualidade quando o educador analisar sua forma de trabalho e buscando também novas formações, pois o ser humano não é um ser inacabado. Assim,

“A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. Mas ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.” (FREIRE, 1996, p. 20).

A abordagem da educação e sua visibilidade, se dá através de várias análises. Análises estas que permitem aprofundar em suas características. Já é sabido que o Brasil é um país de dimensões continentais, assim, há profundas dificuldades em fazer com que a distribuição de verbas chegue aos seus rincões. Quando se trata do estado de São Paulo, necessário que se compreenda que possui a maior rede

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

educacional do país e uma das maiores do mundo. Aqui, falamos de uma rede onde o setor público tenta chegar para mais de quatro milhões de educandos.

A escola analisada, neste trabalho se encontra na cidade de Presidente Prudente, interior de São Paulo. É uma escola que atende mais de novecentos alunos, fornece dois níveis educacionais, o Ensino Fundamental II com treze salas de aula e o Ensino Médio com doze salas. É uma escola que possui uma estrutura razoável, arborizada, com água encanada, alimentação diária e com bons índices avaliativos externamente.

Quanto aos conteúdos abordados, primeiramente foi feito uma sondagem prévia, em seguida, houve algumas discussões sobre “O que é paisagem” e “Como a paisagem faz parte de nosso cotidiano e como a representamos?”, foi cedido aos alunos papel sulfite para que desenhassem o que compreendiam sobre paisagem e depois procuraram o seu significado nos dicionários “Aurelio” e “Houaiss”. Novamente começou outras discussões sobre o tema de tal forma que a classe começou a compreender as várias formas de se conhecer a paisagem. Como forma de avaliação, fora pedido uma atividade prática, os mesmos saíram da sala de aula ficando livres para a sua circulação em todo o prédio escolar e como comanda, foi pedido para que redesenhassem a paisagem, escolhendo de tal forma algo que lhes chamassem a atenção.

Como embasamento teórico, foram utilizadas algumas obras como Considerações sobre o ato de estudar de Paulo Freire, A ontogênese e o aprender de Fernando Hench e a obra Criatividade ou o homem em aprendizagem de Rocha Sousa.

Antes de se iniciar os trabalhos com os educandos, houve uma intervenção com os educadores. Para que desta forma, pudessem estar preparados para os debates posteriores. Assim, foram obtidos alguns resultados como as respostas abaixo:

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Questão 1: Na obra de Freire "Considerações sobre o ato de estudar" as palavras-chave são: Autonomia e Educação. Enquanto que na obra de Fernando Hench "A ontogênese e o aprender" as palavra-chave são: Aprender e Cultura. E na obra "Criatividade ou o homem em aprendizagem" de Rocha de Sousa as palavra-chave são: criatividade, aprendizagem, fazer e liberdade.

Questão 2: Podemos viabilizar e estimular na prática educativa o pensamento crítico a partir do fazer e aprender e do convívio social que os sujeitos se encontram/vivenciam.

Questão 3: Sim, é possível sim que haja conexões que viabilizam a liberdade criativa uma vez que, o educando possa interpretar e compreender que aquilo que está fazendo tem sentido na sua vida.

Questão 4: A Geografia bem como outras áreas do conhecimento em específico as Ciências Humanas, estão intimamente ligadas ao cotidiano do estudante. As mesmas constroem pontes para a busca da autonomia dos mesmos, a exemplos da escolha de uma rota mais rápida para se chegar ao seu destino, a leitura das embalagens delimitando as origens de seus alimentos até a compreensão do sujeito e suas interações com o seu meio.

Com este trabalho, pretende-se analisar as propostas da educação com vistas ao processo de ensino e aprendizagem, dando ênfase a importância do aprender e como aprender a Geografia através da filosofia de Freire, demonstrando para o educando que o mesmo é o sujeito criador de sua própria história.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho fora realizado tendo como eixo central uma revisão bibliográfica em artigos científicos, documentos oficiais do Estado para a educação, livros técnico-científicos, periódicos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

acadêmicos, bem como pesquisa de campo realizada como observação de sala de aula.

A escola objeto deste trabalho, tem como característica específica ser aberta para a interdisciplinaridade. Sendo assim, o trabalho pode ser realizado de forma satisfatória e com a participação de outras disciplinas onde abrangeu um trabalho com Arte, Geografia, Língua Portuguesa e Sociologia.

De tal maneira, este trabalho de pesquisa objetiva a análise e reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem geográficos apoiados pela interdisciplinaridade à luz dos conceitos de Paulo Freire, e contribuindo e fundamentando a ampliação de pesquisas acerca da temática.

A avaliação pode ser realizada como forma de pesquisa de campo, onde os alunos tiveram uma atividade prática, ocupando desta forma, os espaços da escola, tendo em vista, uma educação emancipadora no qual a avaliação fora a observação do objeto de pesquisa (a paisagem) que mais lhes chamaram a atenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final das intervenções, pudemos perceber que o trabalho foi realizado de forma reflexiva e contundente. Ao passo que, a proposta escolhida fizera com que os professores participantes e os educandos, puderam perceber como a interdisciplinaridade pode auxiliar em muito no desenvolvimento cognitivo de ambos. Assim, as questões pautadas e as análises de filmes e imagens contribuíram no processo de ensino e aprendizagem de forma mais reflexiva.

Sobre as etapas do trabalho, a organizamos em forma de questionário-roteiro e que apresentamos logo abaixo:

Questão 1: A imagem pode mediar o conhecimento interdisciplinar através de estratégias elaboradas que podem

permeiar o uso de todos os recursos didático-tecnológicos possíveis.
Questão 2: É possível viabilizar a educabilidade do olhar através de estratégias que permeiam a praticidades dos contextos geográficos e sociais com a utilização de vários tipos de imagens.
Questão 3: diante do atual contexto, é possível sim consolidar um espaço de reflexão e discussão com a partilha de experiências sobre o uso da imagem através dos meios tecnológicos.
Questão 4: com a Geografia e a Interdisciplinaridade, aqui no caso utilizarei a Sociologia, dialogando entre si e com a linguagem fílmica, poderemos ter uma possível sequência didática abaixo:
Primeiro passo: escolha de um filme ou de um documentário que retrata um determinado tema social: documentário “Entre Rios” – a urbanização de São Paulo.
Segundo passo: trabalhar com os estudantes a Ficha Técnica do Filme. Duração: 25’10” (vinte e cinco minutos e dez segundos); Filme de 2009 Direção: Caio Silva Ferraz. Acesso: Youtube: < https://youtu.be/Fwh-cZfWNlc >> Play Video e/ou Vimeo: < https://vimeo.com/14770270 >
Terceiro passo: trabalhar com os estudantes com mapas de vários períodos indicando a transformação antropizada dos relevos da região.
Quarto passo: trabalhar com os alunos diferentes imagens fotográficas da região, incluindo imagens de satélites.
Quinto passo: depois de uma ampla reflexão acerca das imagens e mapas vistos e, de terem assistido ao documentário, elaborar um debate com os estudantes.
Sexto passo: após o fim do debate, propor aos alunos que

tragam imagens, fotos, notícias de jornais sobre uma determinada mudança do relevo da região onde vive.

Sétimo passo: Com a entrega das imagens , fazer um debate sobre a importância de se compreender a Geografia e a Sociologia no cotidiano dos estudantes, lembrando sempre a questão socioeconômica que permeia tais mudanças.

Avaliação: Observar o engajamento dos estudantes ao longo das aulas, bem como propor uma autoavaliação de seu engajamento e das propostas realizadas pelo professor no decorrer do trabalho proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a importância da educação, assunto abordado neste trabalho, necessário se faz que haja uma maior reflexão acerca do tema, uma vez que, é na educação que se tem o processo de compreensão de mundo. Freire vem para demonstrar aos educadores que, tal processo se faz paulatinamente e que também é necessário que se compreenda as vivências dos educandos, para que este processo seja realizado concretamente.

Aos educadores, uma das mais célebres reflexões de Freire é que não se deve analisar os educandos através da superficialidade e sim, devem buscar mecanismos para auxiliar, pois, bem como os educandos, os educadores não podem se considerar sujeitos acabados. Todo ser humano precisa fazer reflexão de si e aprender sempre, para isso, devem estar sempre dispostos a buscar aprender como forma continuada de suas aprendizagens.

A educação é um produto que sempre deverá valorizar o processo de ensino e aprendizagem, para tanto, uma de sua importância é trabalhar interdisciplinarmente, uma vez que, os

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

educadores ajudarão uns aos outros em suas dificuldades e assim, o sujeito da educação, o educando ganhará com as intervenções e mediações de seus educadores.

Portanto, a partir das obras estudadas, é perceptível que a leitura de imagem não somente na área da Geografia, é algo inerente ao processo de ensino e aprendizagem. A imagem, leva o sujeito a pensar e refletir sobre a sua vivência numa dada sociedade. Para além da imagem, a exemplos fotografias, desenhos e mapas, o sujeito tende a refletir que para uma maior e melhor compreensão de mundo necessário se faz compreender a linguagem não verbal que permeia toda a sociedade.

ANEXO I: ATIVIDADES TRABALHADAS RESENHA DA OBRA ONTOGÊNESE DA IMAGEM DE FERNANDO REINACH

Pergunta 1: Em que consiste a ontogênese da imagem?

R: Consiste na representação da realidade para torna-la reflexiva.

Pergunta 2: Quais as relações existentes entre a arte da representação e a Geografia? As relacione sob o viés freiriano.

R: A Arte da Representação e a Geografia estão intimamente ligadas. Haja visto que, ambas retratam o mundo vivido. Tais características estão sob o viés freiriano uma vez que, segundo freire, não tem como educar se a educação não está entrelaçada com o cotidiano dos estudantes, e assim, a Arte de Representação e a Geografia tem sempre que dialogar pois, a educação é uma troca de aprendizados.

Pergunta 3: Como é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos? R: É possível fazermos a relação das formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais a partir do momento em que há uma leitura na perspectiva de reflexões, ou

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

seja, a partir do momento que haja uma interpretação crítica acerca do que se vê, e do mundo a nossa volta. Por isso, é de vital importância que as aulas estejam voltadas para a criticidade, pois, os estudantes desenvolverão o seu senso crítico.

Pergunta 4: Uma sugestão apontada no texto é o uso de quadrinhos/tirinhas. Como é possível por eles realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica? Poste aqui uma tirinha e explique como você a utilizaria. R: A análise de quadrinhos e/ou tirinhas não traz consigo apenas a competência leitora, mas, traz também o ato de reflexão e o afloramento da criticidade.

Exemplo: A tirinha escolhida, ela pode ser utilizada em sala de aula para fazermos um debate através da exclusão social ocasionada por governantes de seus países ou por outrem. No caso abaixo, é emblemático abordarmos a questão da relação que se dá entre os países centrais do capitalismo e os países não centrais, no caso, Estados Unidos da América e o México. A partir de tais análises, fazer com que os estudantes compreendam questões como: segregação étnico cultural e a manutenção das desigualdades sociais impostas pelo sistema capitalista.

Imagem 01: PONTE 01



Fonte: BECK, Alexandre.

Ponte 01 -Armandinho. Disponível em:

<<https://ponte.org/armandinho-por-alexandre-beck/ponte01-armandinho-alexandre-beck/>>

A imagem relata um diálogo entre dois amigos. O objeto é o tijolo, porém a reflexão começa a partir do momento

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

que um deles fala que o tijolo poderia ser utilizado para a "construção de um muro" e Armandinho responde "construção de uma ponte".

O tema gerador da tirinha acima está relacionado na forma em que as pessoas têm como visão de mundo. Desta forma, há de se discutir as relações geográficas existentes no mundo a partir da visão econômica Norte-Sul.

A percepção visual é encarada na base nos aspectos físicos e psicológicos. Esta é a constituição orgânica do olho devido os vários indicadores de seu funcionamento como a recepção de luz, seletividade celular de estímulos, transmissão para o cérebro, resolução das imagens, a sua coordenação psicológica para a consciência das sensações que aqui também pode ser incluídas as respostas mentais de seus atos. (P.31)

Quando se trata do falar da visão, há uma determinante que se confunde com a capacidade de olhar. Logo, o olhar se distingue do ver, pois o olhar não toma consciência das coisas (P. 31), já o ver, é ir ao encontro das coisas, da coordenação consciente dos vários olhares, das diferentes percepções (...) (p.32)

Psicologicamente reagimos de formas diversas ao vermos coisas e objetos. Isso significa que a visão é um somatório de dados do real que nem todas as pessoas estão em posse do mesmo. (p.32)

Podemos dizer que, a carga cultural que o sujeito possui influencia e muito decisivamente na sua visão de mundo, seja por palavras, imagens, meios de expressão, etc. por isso, cada um de nós, vê e analisa as coisas a partir de nossos conjuntos culturais. (p.36)

Dentre as abordagens da classificação das formas de visão, há a denominação Geografia da observação. Nela, pode ser abordado todas as estratégias que nos auxiliam na adoção da observação, como pontos fixos, vista em deslocação, aproximações e afastamentos, etc., ela é assim, uma

PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA: DIVERSAS PERSPECTIVAS

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mobilidade real, pois, articula olhares da circulação cotidiana, pressupondo assim, uma espécie de mapa. (p.39)

Ainda segundo tal abordagem, ela implica na observação analítica da rua, pois, seus aspectos implicam numa espécie de carta do progressivo posicionamento, como as paragens em pontos estratégicos, concentração do ver sobre certos motivos, deslocação, entre outros. (p.39)

Imagem 02: MAPA CONCEITUAL: PAULO FREIRE E A GEOGRAFIA



Fonte: MATEUS, M.F.S., Mapa Conceitual preparado especialmente para o Curso de aperfeiçoamento em: Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia. Acesso em 30 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.canva.com/design/DAEeg5xhBMI/XKg9lu2UbGWkPIQINMTcKw/edit>>

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

RESENHA DA OBRA PAISAGEM E GEOGRAFIA DE TERESA SALGUEIRO

Determinamos assim, que o movimento é um fator de nossa experiência visual, pois, os seres e as coisas estão sempre em movimento, ou seja, os seres e as coisas estão em deslocamento constante, assim, como exemplos poderíamos citar quadro, pintura, como objetos em movimento. (p.41)

Teresa Salgueiro é professora de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A sua obra trabalha o conceito de rupturas que se deu ao longo das vivências humanas. A sua obra se desdobra em dois tópicos são eles: I. Invenção e morte da paisagem e II. A paisagem na Geografia.

No primeiro tópico “Invenção e morte da paisagem”, a autora relata que a descoberta da paisagem através da pintura no ocidente revelou um novo interesse pela natureza, posicionamento diferente das pessoas face ao seu ambiente e uma ruptura com a visão do mundo que era dominado por explicações teológicas. (p.38).

Segundo a autora, a observação da natureza será feita depois da emoção estética, buscando assim os mesmos efeitos da pintura. (p.38). De acordo com Piveteau, “a fruição da natureza como espetáculo estético, implícita à invenção de paisagem e implica no afastamento entre sujeito e o objeto de contemplação, neste caso, a natureza. (PIVETEAU, 1989).

Assim, a pintura levou a pessoas a olharem para a paisagem com um outro olhar. Essa nova relação da sociedade com o seu espaço não se tornou apenas um dado e sim um produto construído pelo processo do caráter cultural e social. (p.38).

Segundo Cosgrove (1984), do ponto de vista econômico, a nova visão e forma de relacionamento com o mundo, permitiu a evolução econômica da terra tendo por base a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

transição da economia natural para a economia capitalista, assim, o aparecimento da paisagem foi acompanhado de uma revolução científica e técnica. (p.39).

De acordo com Salgueiro, recentemente tem-se multiplicado referências com o que ela considera como “morte da paisagem”. Tal morte está ligada à evolução da pintura como à amplitude das transformações territoriais e à inexistência de modelos que permitam ser apreciados, de tal forma que o território, sofreu uma transformação rápida e profunda que levou ao desaparecimento de muitas das formas tradicionais de organização. (p.39-40).

Já no que se refere ao tópico “A paisagem na Geografia”, Salgueiro subdivide em: “Primórdios” e “As correntes atuais”. Em os “Primórdios”, a paisagem aparece desde o século XVIII, tendo uma fisionomia de uma dada área e a sua expressão visível. (p. 40). Já em “As correntes atuais”, aborda o último quartel do século XX, abordando assim o renascer pelo interesse da paisagem manifestando-se de várias maneiras no crescimento do número de publicações, colóquios, seminários, etc. (p. 43)

RESENHA DA OBRA PAISAGEM E ESPAÇO DE MILTON SANTOS

Milton Santos foi um dos maiores geógrafos do mundo e um dos principais do Brasil. Nasceu em Brotas de Macaúbas, atual estado da Bahia a 03 de maio de 1926 e faleceu na cidade de São Paulo a 24 de junho de 2001. Assim, por ser trabalho brilhante, Milton foi um dos únicos geógrafos brasileiros a ganhar o Nobel da Geografia.

A sua obra Paisagem e Espaço está dividida em doze tópicos. De acordo com Santos e Souza (1986, p. 1), onde o mesmo aborda que o espaço está no centro das preocupações dos mais variados profissionais, assim o espaço seria o objeto

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

de conhecimento para alguns e, para outros, seria simplesmente meio de trabalho. sendo:

1. Paisagem, o que é

Segundo Santos, ela seria tudo aquilo que nós vemos. Já o que tange a paisagem seria o que nossa visão alcança. Assim, a paisagem pode ser definida como o visível e não é apenas formada de volumes, mas também formada por cores, movimentos, odores, sons, etc.

2. Percepção e conhecimento

De acordo com o autor, a nossa visão depende da localização em que se está, se no chão, em um andar baixo ou alto de um edifício, num miradouro estratégico, num avião. Assim, a paisagem toma escalas diferenciadas, ampliando-se quanto mais subimos e diminui quanto mais descemos.

Segundo Santos, a dimensão da paisagem seria a dimensão da percepção, chegando assim aos sentidos, de tal forma que o aparelho cognitivo tem crucial importância em tal apreensão devido a nossa educação seja ela formal ou informal é feita sempre de forma seletiva.

3. Paisagem e região

Neste tópico, Milton Santos discute que para muitos a paisagem era sinônimo de região. Tal fato era explicado pela ação do grupo que a paisagem e a região eram associadas, havendo assim uma confusão entre os dois conceitos, mas que hoje, devido as mudanças no mundo já não é mais possível devido a geografia já não ser mais o estudo da paisagem. Toda a mudança se deve a modernização da agricultura, da dispersão indústria, pois ambas introduzem formas novas de organização espacial.

4. Os objetos culturais

De acordo com o pai da geografia cultural Carl Sauer, conhecimento muito próximo da antropogeografia de Ratzel e da geografia humana de Vidal de La Blache, propôs que se deveria considerar dois tipos de paisagem, a natural e a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

artificial. A principal argumentação era que, à medida que o homem se confrontava com a natureza, há entre os mesmos a relação cultural que é a política e a técnica. Assim, se há produção humana, há a produção de espaço.

5. Paisagem natural, paisagem artificial

Neste tópico, se discute que, a paisagem artificial é aquela criada pelo homem, enquanto grosseiramente poderemos dizer que a paisagem natural é aquela que ainda não foi mudada pelo homem. Assim, se um lugar não é tocado fisicamente pelo homem, poderemos considera-lo como um lugar de paisagem natural. E a paisagem artificial é aquela em que há um grande distanciamento do homem para com a natureza.

6. Paisagem e produção: os instrumentos do trabalho

Neste item, o ator discute que tal relação está em que cada forma produtiva necessita de um determinado tipo de trabalho. Assim, os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo direto da produção, isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, distribuição e consumo. De tal forma a paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências de espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes. Devido a tal forma de produção, a paisagem urbana é mais heterogênea, já que a cidade abarca diversos tipos e níveis de produção. Cada instrumento de trabalho tem uma localização específica, que obedece à lógica da produção nesses quatro momentos acima mencionados, e é por isso que o espaço é usado de forma desordenada.

7. Uma permanente mudança

Cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, pois o trabalho humano torna-se cada vez mais complexo exigindo assim inovações. O home constrói novas maneiras de fazer as coisas, novos modos de produção que

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

reúne sistemas de objetos e sistemas sociais, de tal forma que a inovação traz a modificação da paisagem.

8. Datação e movimento da paisagem

A datação da paisagem só é possível devido aos objetos serem passíveis, assim, a datação se dá para conhecermos as suas idades. Porém, o autor nos traz um questionamento referente a datação. Tal questionamento nos fala que nem sempre é possível datar tal objeto, uma vez que as paisagens podem possuir movimentos mais ou menos rápidos. É o caso da cidade de São Paulo que foi "criada" depois de muitas cidades europeias. O sujeito que desembarca na cidade de São Paulo só conhecerá a sua história presente, do contrário do sujeito que visita a Europa.

9. As mutações da paisagem: o estrutural e o funcional

As mutações da paisagem podem ser estruturais ou funcionais. Ao andarmos por uma avenida grande, conheceremos vários tipos de paisagens devido ao seu movimento funcional. Dentro da cidade e em razão da divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas. A sociedade urbana é uma, mas se dá segundo formas-lugares diferentes. É o princípio da diferenciação funcional dos subespaços. A sociedade não mudou, permaneceu a mesma, mas se dá de acordo com ritmos distintos, segundo os lugares, cada ritmo correspondendo a uma aparência, uma forma de parecer. É o princípio da variação funcional do mesmo subespaço.

10. Espaço, o que é

Segundo A. C. da Silva (1986, pp. 28-29) "as categorias fundamentais do conhecimento geográfico são, entre outras, espaço, lugar, área, região, território, habitat, paisagem e população, que definem o objeto da geografia em seu relacionamento. (. . .) De todas, a mais geral - e que inclui as outras é o espaço". O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

11. A paisagem não é o espaço

Não há, na verdade, paisagem parada, inerte, e se usamos este conceito é apenas como recurso analítico. A paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não-materiais.

(...) “Diríamos, com Edward Soja (1983) que a sociedade está sempre especializando-se. Mas a espacialização não é o espaço. A espacialização é um momento da inserção territorial dos processos sociais. O espaço é mais do que isso, pois funciona como um dado do próprio processo social.

12. A espacialização não é o espaço

O espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento. A paisagem é coisa, a espacialização é funcional e o espaço é estrutural.

REFERÊNCIAS

ANÁLISE DAS ESCOLAS BRASILEIRAS. Acesso em 23 abr. 2021. Disponível em <<https://www.qedu.org.br/escola/186201-hugo-miele-professor/censo-escolar>>

CUNHA, S. L.; DELIZOICOV, N.C. **Formação continuada de Professores: Alguns apontamentos.** Acesso em 28 mai. 2021. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21765_10237.pdf>

DIRETORIA DE ENSINO DE PRESIDENTE PRUDENTE. **Relação de Escolas Jurisdicionadas à Diretoria de Ensino de Presidente Prudente.** Acesso em 02 mar. 2021. Disponível em:

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

<<https://drive.google.com/file/d/1k6w0-BsahFN7w1IIPzn9UJxNvG-Ezwkd/view>>

FREIRE, P. Considerações sobre o ato de estudar. Acesso em 22 abr. 2021. Disponível em:

<<https://bibliotecadaeca.files.wordpress.com/2019/04/paulo-freire-ato-de-estudar-2-3.pdf>>

IBGE. Censo Escolar – Sinopse Ano de 2018. Acesso em 22 abr. 2021. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/presidente-prudente/pesquisa/13/5908>>

MARIANI, F.; CARVALHO, A. L. A formação de Professores na Perspectiva da Educação Emancipadora de Paulo Freire. Acesso em 27 mai. 2021. Disponível em

<https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2625_1294.pdf>

NAME, L. O conceito de paisagem na Geografia e sua relação com o conceito de cultura. GeoTextos, vol. 6, n.2, dez. 2010.

Leo Name p. 163-186. Disponível em

<<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/5939?mode=full>>

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Biografia do Patrono Milton Santos. Acesso em 28 mai. 2021. Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/miltonsantos/index.php?p=3781>

REINACH, F. A ontogênese e o aprender. Acesso em 22 abr. 2021. Disponível em <<http://www.abc.org.br/2013/04/12/a-ontogenese-e-o-aprender/>>

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. Ed. Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp. 37-53. Acesso em 22 mai. 2021. Disponível em:

<<https://core.ac.uk/download/pdf/25847528.pdf>>

SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço Habitado. Acesso em 20 mai. 2021. Hucitec. São Paulo 1988. Disponível em

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5350058/mod_resource/content/1/texto3B_msantos_1988.pdf>

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

SOUSA, J. R. Didáctica da educação visual: criatividade ou o homem em aprendizagem. Lisboa: universidade aberta, 1995. 1 prog. Vídeo (20 min., 29 seg.). Acesso à 27 de mai. 2021. Disponível em: <

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/5939>>

FERRAZ, C. S. 2011. 1 vídeo (25:10). Publicado pela Editora Contexto. Acesso em 24 mai. 2021. Disponível em Youtube <<https://youtu.be/Fwh-cZfWNlc>> e disponível em HD pelo canal Vimeo: < <https://vimeo.com/14770270>>.

IMAGEM E REPRESENTAÇÃO: O USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

José Jadson dos Santos Silva³

Maria Aparecida Vieira de Melo⁴

³Mestre em Geografia - com ênfase em Ensino de Geografia - pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e em Pedagogia pela Faculdade Futura. Tem experiência na área de Ensino de Geografia, tendo sido bolsista do Subprograma PIBID Geografia - Território e Cidadania em 2013, na UFRN, atuando em escolas públicas estaduais no município de Natal, nos níveis Fundamental e Médio. Pós-graduado (Lato Sensu) em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN (2017-2018). Pós-graduado (Lato Sensu), Orientação Escolar e Supervisão Pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI (2019/2020). Atualmente é Tutor Presencial dos cursos de Gestão Ambiental, Pedagogia e Serviço Social e Coordenador Acadêmico dos cursos de Graduação EaD na Universidade Norte do Pará (UNOPAR)/Polo CEDAP II em Santa Cruz/RN; Professor de Geografia da Secretaria Municipal de Educação de São Bento do Trairi/RN e do CEDAP em Santa Cruz/RN. Desenvolve estudos na área de Ensino de Geografia, discutindo as seguintes temáticas: Recursos didáticos para o ensino de Geografia; Metodologias de Ensino em Geografia; Ensino e Aprendizagem em Geografia; Formação de professores e Educação a Distância, Geografia Urbana, Educação Ambiental, Saneamento Básico, Semiárido e Meio Ambiente e o Uso de Novas Tecnologias na Educação. E-mail: jadsongeo19@gmail.com.

⁴Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB).

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

RESUMO: Para a elaboração deste trabalho foi feito uma pesquisa bibliográfica com base em importantes teóricos: Claval, 2011; Cavalcante, 2008; Ferraz, 2016; Seemann, 2011; Dozena, 2008. Este trabalho tem como objetivo geral: Analisar as Histórias em Quadrinhos (HQs) como uma linguagem no Ensino da Geografia e como objetivos específicos: Realizar uma pesquisa de base teórica e metodológica no campo do Ensino da Geografia e suas interconexões com o campo das Linguagens, em específico, o da História em Quadrinhos; refletir sobre o uso das HQ's nas aulas de Geografia e dialogar sobre possíveis práticas com o uso das HQ's.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos. Geografia. Ensino.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

As Histórias em Quadrinhos (HQ's) há muito tempo fazem parte do cotidiano das pessoas, em especial, dos jovens e adolescentes. Esse público, acompanha o lançamento das principais edições das HQ's. Nas escolas, em casas ou em qualquer espaço, as HQ's tornaram-se objetos de leituras e que contribuíram gerações de pessoas, revelando seu contexto e trazendo marcas do atual espaço geográfico.

Diante disto, com a dinâmica atual do mundo globalizado, ocorreu a intensificação da presença das HQ's em boa parte do mundo, de modo que, estas também passaram a

Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

funcionar como elemento geopolítico que representavam situações dos países em um dado momento histórico.

Desta forma, destaca-se o entendimento de Vergueiro (2004, p. 21) que a utilização desta linguagem pelos professores pode tornar suas aulas mais agradáveis, possibilitando a problematização da transmissão e discussão de temas específicos nas salas de aulas. Inclusive, o Ministério da Educação ajudou no processo de ampliação e fortalecimento das Histórias em Quadrinhos no Brasil, por meio do Plano Nacional de Biblioteca Escola, além, de colocar o uso dos quadrinhos nos PCN's de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II.

Sendo assim, o uso das HQ's torna-se mais acessível como linguagem pedagógica, pois os estudantes já estão familiarizados com os quadrinhos e o custo desse material é relativamente baixo, o que diminui as chances de desinteresse ou rejeição dos alunos durante o desenvolvimento do trabalho. Por ser uma atividade cujo resultado é familiar ao aluno, e por gerar um produto carregado de sentidos, a produção de HQs desperta um interesse maior do que o costumeiro nas atividades escolares, as quais muitas vezes geram resultados que, para o aluno, não parecem interessantes ou, por vezes, não parecem alcançáveis por estarem distantes das habilidades e dos conhecimentos que o aluno já possui. De acordo Ferraz (2016, 175):

Para facilitar seu trabalho, outros estudos científicos (pedagógicos, sociológicos, psicológicos etc.) elaboram referenciais que permitem aprimorar os processos didáticos de como trabalhar esses conteúdos, assim como os materiais didáticos visam auxiliar o trabalho com o processo ensino/aprendizagem, de maneira que possa estimular melhor seus alunos a reproduzirem as informações passadas por meio de respostas corretas. Na continuidade dessa linha de argumentação, temos majoritariamente o uso de elementos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

artísticos (obras literárias, filmes, fotografias, reprodução de pinturas, de músicas etc.) no interior da sala de aula como um recurso ilustrativo de determinado conteúdo dito como científico, de maneira a facilitar os processos de ensino, dinamizando-os, saindo da rotina meramente oralizante do ministrar aula, e permitindo um reforço do processo de aprendizagem do aluno.

De acordo com PCNs (1997), os quadrinhos devem estar inseridos nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). As histórias em quadrinhos viabilizam diferentes contextos e produzem informações vinculadas aos temas sociais, sendo um riquíssimo recurso didático para as aulas de Geografia.

Deste modo, as HQ's são uma linguagem, pois possibilitam que sejam trabalhadas representações próximas da realidade dos alunos. O uso dessas linguagens visuais nas aulas de Geografia acaba fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem ocorra, além de fazer com que os alunos participem mais das aulas e consigam desenvolver um pensamento reflexivo. Para Claval, 2011, fala sobre a relação que a virada cultural vai ter para o desenvolvimento da Geografia, tendo forte relação linguística com outras áreas.

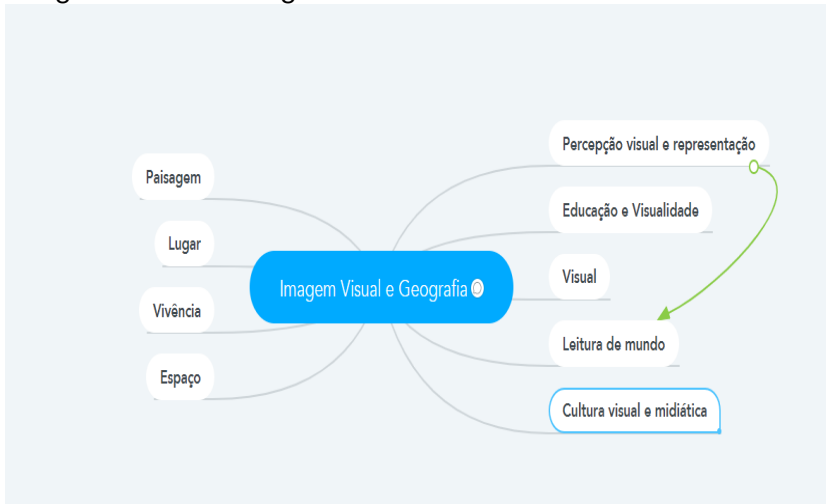
Assim, segundo dados divulgados no site Terra (2012), as HQ's são lidas por 30% dos leitores do país, segundo a 3ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2012 pelo Instituto Pró-Livro (IPL). O dado representa um aumento em relação a 2007, quando eram 22%. Na 4ª edição da pesquisa no ano de 2016 foi constatado que as História em Quadrinhos estavam entre os tipos de textos mais lidos pelos brasileiros. Diante disso, observa-se que as HQ's estão entre os tipos de textos mais lidos pelos brasileiros, além de ter ocorrido um aumento no número de leituras desse tipo de texto.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Indubitavelmente, os usos de HQ's se apresentam como uma importante ferramenta que pode ser usada na sala de aula na disciplina de Geografia, desde que apresente elementos e conteúdos da disciplina em questão.

Para a elaboração deste trabalho foi feito uma pesquisa bibliográfica com base em importantes teóricos: Claval, 2011; Cavalcante, 2008; Ferraz, 2016; Seemann, 2011; Dozena, 2008.

Imagem visual e Geografia



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Este trabalho tem como objetivo geral: Analisar as Histórias em Quadrinhos (HQs) como uma linguagem no Ensino da Geografia e como objetivos específicos: Realizar uma pesquisa de base teórica e metodológica no campo do Ensino da Geografia e suas interconexões com o campo das Linguagens, em específico, o da História em Quadrinhos;

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

refletir sobre o uso das HQ's nas aulas de Geografia e dialogar sobre possíveis práticas com o uso das HQ's.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E GEOGRAFIA: UMA NARRATIVA POSSÍVEL?

A ciência geográfica passa por grandes transformações nos últimos anos que acabam ocasionando mudanças na forma de ensinar. Dessa forma, o ensino de geografia na educação básica perpassa por várias questões de grande importância, e uma delas é a questão do uso de metodologias de ensino adequado para cada conteúdo dessa disciplina. É a partir desse momento que o professor utiliza novos recursos didáticos que acaba possibilitando um maior interesse por parte dos alunos, além de tornar as aulas mais prazerosas e dinâmicas.

De acordo com Voigt, Giordani e Bezzi (2010, p.1):

A Geografia é uma disciplina escolar que se utiliza de instrumentos tecnológicos alternativos para entender a interfase natureza-sociedade. Esses também auxiliam o processo de ensino-aprendizagem, privilegiando a interatividade entre o educando e os conteúdos didáticos.

As escolas, hoje em dia, dispõem de laboratórios de informática, TVs, DVDs, Datashow e livro didáticos. Mas esses recursos não são suficientes para promover um melhor aproveitamento de estudos, pois, muitos destes recursos pedagógicos ficam limitados à biblioteca, o que leva à subutilização.

Nesse cenário, é importante que ocorra uma modificação na forma como a geografia é ensinada na educação básica, é de grande valia a inserção de novas metodologias que possibilitem aos alunos alcançarem o processo de aprendizagem de forma eficiente, deixando de lado

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

o ensino tradicional e entrando em um ensino mais ousado. Partindo dessa premissa de ousadia no ensino na educação básica é que o professor deve se instrumentalizar de novos recursos didáticos que possam servir aos alunos dos dias atuais, trabalhando com os conteúdos da disciplina, mas também, trabalhando competências e habilidades com o uso de novas metodologias.

O trabalho com as HQ's em sala de aula justifica-se pelo fato dos professores, em sua grande maioria, utilizarem apenas como recursos didático-pedagógicos o livro didático e o quadro-negro. Tais recursos, tradicionais, não favorecem a compreensão necessária da complexidade do mundo. Especialmente no que se refere à Pós-Modernidade. Segundo Larrosa (2002 p. 22):

O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente crítica e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação.

Diante do exposto, o sujeito moderno possui um grau de informação e de criticidade, resultante de tudo o que está a sua volta, é necessário o uso de novas metodologias que possam oferecer essa compreensão da realidade e o desenvolvimento do pensamento reflexo. Ademais, nota-se que o herói oferece à criança a coragem para lutar contra as dificuldades internas e externas. Ao utilizar as figuras preferidas, o educador consegue abordar temas importantes em sala de aula, fazendo intervenções sociais/educativas usando figuras do universo dos quadrinhos dentro da sala de aula.

A prática de leitura, interpretação e análise de dados e textos tem sido a grande preocupação da Escola e mereceu especial atenção nos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's. A partir de pesquisas acadêmicas, intensificaram-se as

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

propostas de estratégias que visam a auxiliar o professor de Geografia em práticas de ensino-aprendizagem que ajudem os alunos a desenvolverem habilidades de leitura e interpretação, bem como a análise de dados e textos em seus respectivos contextos, tornando à aprendizagem mais significativa, partindo de suas vivências, desejos e experiências.

Para Larrosa (2002, p. 26) a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão, sendo assim, os alunos desde pequeno tem paixão por personagens e super-heróis. Como parte dessa apreensão, o professor de Geografia deve criar estratégias e metodologias em sala de aula que possam ofertar isso aos alunos.

Diante disto, a sociedade passa por ininterruptos processos de mudanças, por meios dos avanços econômicos, sociais, educacionais, tecnológicos e científicos, que caracterizam a sociedade atual. Segundo Santos (2000, p. 10):

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima.

Para o autor, a globalização será as bases materiais para convergência dos momentos e o conhecimento do planeta terra, servindo como fundamentos sociais e políticos, tendo o capitalismo como elemento central.

Para Santos (2000, p. 12):

Só que a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

eficazes. os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais valia globalizada.

Segundo os pensamentos do autor, a globalização é o resultado das ações que acabam dando sustentação ao mercado global e as mudanças no processo político e social, assim com todo esse avanço, a educação passou por algumas mudanças, como se pode observar nas principais correntes pedagógicas que perpassaram pela educação brasileira e que caracterizam muito bem cada momento histórico que foi desenvolvido (SOUZA; CÂNDIDO, 2016).

ELEMENTOS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: DESENHAR, LER E NARRAR

De acordo com Silva e Cavalcanti (2008, p.144) as revistas em quadrinhos costumam ser as primeiras leituras das crianças e continuam existindo na vida de alguns adultos. Sendo uma leitura agradável e de muito contado desde cedo com esse público. Para Silva e Cavalcanti (2008, p.144):

A leitura dos códigos visuais e verbais dos quadrinhos e similares pode despertar o interesse pelo assunto, dinamizar as aulas, motivar o debate, permitir uma análise reflexiva sobre várias questões, porém não deve ser o único recurso didático, devendo integrar e complementar outras atividades para mediar satisfatoriamente a compreensão do conteúdo do livro didático e de outros temas.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Sob o mesmo ponto de vista, vale destacar que as HQ's tornam-se um importante recurso didático no Ensino de Geografia.

Segundo Rama (2007, p. 87):

[...] as histórias em quadrinhos tornam-se bastante oportunas, já que trabalham com o texto e a imagem ao mesmo tempo, além de darem conta da dimensão temporal e espacial. Ampliam-se, então, as possibilidades de utilização dessa linguagem, indo além da simples exploração do texto ou da descrição dos elementos geográficos [...].

A autora salienta a importância de trabalhar com a HQ's, destacando as dimensões culturais e espaciais, sendo um recurso didático que a Geografia pode trabalhar. De acordo com Lima (2006, p. 09):

Os quadrinhos utilizam tanto da arte gráfica quanto da literatura, além da agilidade do cinema. Utilizam também da organização espacial como linguagem. O fundo da história em quadrinhos é uma localização. Mas não só isso. O espaço tem um sentido dramático, é produtor de sentidos e não apenas um receptáculo para a narrativa que está acontecendo. É um elemento da linguagem dos quadrinhos.

Segundo os pensamentos de Lima (2006), os quadrinhos utilizam dos elementos da arte gráfica e da literatura, além de uma organização espacial dentro da narrativa e do contexto para explicar ou narrar. A HQ's traz consigo uma localização e sentido sobre os fatos ou os acontecimentos. Conforme Lima (2006, p. 09):

As imagens dos cenários e fundos de cena das HQs assumem um papel de imaginações geográficas que acabam por auxiliar a inventar cidades e lugares, construindo símbolos, sinais, alegorias que terminam influenciando a nossa visão e nosso

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

entendimento do espaço. Essas imagens, sendo parte do imaginário, são reações aos nossos desejos e fazem parte também de uma realidade concreta, influenciando nossa consciência e nosso entendimento acerca desse espaço.

Sendo assim, para a autora, as HQ's assumem papéis de imaginações geográficas que acabam influenciando a nossa visão e o nosso entendimento do espaço, influenciando nossa consciência sobre o espaço e sobre nossa realidade concreta.

Sabe-se que muitos professores já usam as HQ's em sala de aula, mas existe uma lacuna epistemológica, faltam os resultados científicos e de análise sobre essas práticas e experiências dos professores, e na Geografia escolar, atualmente, não foi realizado nenhum trabalho sobre o uso das Histórias em Quadrinhos explorando delas o fies geopolítico. Diante desse cenário, é fundamental que seja feito estudos e reflexões sobre o uso das Histórias em Quadrinhos dentro do contexto escolar. Sendo assim, quais as discussões acerca da inserção de metodologias no ensino nas aulas de Geografia Escolar? De que forma, a aplicação de HQ's contribui no processo de aprendizagem dos alunos nos conteúdos de Geopolítica? Qual a relevância de usar as HQ's nas aulas de Geografia?

As HQ's destaca-se como uma importante linguagem que pode ser usada nas aulas de geografia, tornando-a mais atraente para os alunos, pois a disciplina de geografia tem essa capacidade, principalmente, por apresentar um conteúdo tão diversificado.

Para Santos e Moro (2007 p.132):

Ensinar Geografia hoje é auxiliar o aluno a compreender o mundo em que vivemos: focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza, oportunizando aos alunos a interpretação de textos, fotos, mapas e paisagens". Entende-se que é por esse caminho que a geografia escolar vai

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

sobrevivendo e, até mesmo, ganhando novos espaços nos melhores sistemas educacionais. Para isso, o professor necessita criar, ousar, aprender ensinando.

Deste modo, o professor de Geografia da educação básica deve procurar desenvolver ações e metodologias de ensino que possam contribuir para no processo de aprendizagem dos alunos, bem como, na criação e confecção de novas práticas pedagógicas.

Conforme Vesentini (2009, p.92):

O ensino da Geografia no século XXI, portanto, deve perseguir vários objetivos. Deve ensinar, ou melhor, deixar o aluno descobrir e refletir sobre o mundo em que vivemos com especial atenção para a globalização e para a escala local, isto é, do lugar de vivência dos alunos.

De acordo com o autor, o ensino de deveria deixar o discente descobrir sobre o mundo em que vive, por meio de suas relações, destacando uma fonte relação entre o global e o local, pois o global tem influência no local dos alunos e em suas vivências cotidianas. A partir de filmes, músicas, modas, TV's e outros elementos. Pontuscka (2009, p. 263) vem para corroborar esse ideia, para ela:

Na era da globalização, em que as informações chegam de forma muito rápida por meio de televisão, do cinema, do rádio, do vídeo, do computador, o trabalho pedagógico do professor enriquecer-se-á se ele utilizar todos esses recursos para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a compreender o mundo em que vive.

Segundo a linha de pensamento desta autora, o trabalho pedagógico do professor será enriquecido a partir do

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

momento que ele utilizar vários recursos pedagógicos, principalmente, no contexto da globalização.

Inesperadamente, surgem os HQ's de super-heróis que irão compor um conjunto de novos elementos inseridos na prática escolar. Elementos que podem ser trabalhados em sala de aula, pois essa linguagem representa uma perceptiva política, social, econômica ou ambiental.

Imagem: exemplo de quadrinho que pode ser utilizado observando-se diferentes elementos.



Fonte: Google (2021).

Disciplina: Geografia

Série: 7º ano do Ensino Fundamental

Recursos didáticos: Quadro, piloto, livro, internet, gráfico, fotos e mapas.

Tempo previsto para ministrar o conteúdo: 2 aulas de cinquenta minutos.

Sequência Didática: O bioma caatinga

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Por meio da imagem seria dado início a discussão e problematização da aula, para explicar e falar sobre a realidade desse bioma e suas características físicas e sociais.

Relação da sociedade;

Produto cultural;

O território;

Herança natural;

A geografia tradicional;

Diferenciação de conceitos;

Paradigma regional;

As paisagens regionais;

Reconstrução da Europa;

Análise espacial;

Paisagem natural e suas características via ecologia e geologia;

A biogeografia;

A paisagem cultural;

Sua construção e degradação;

Valorização estética;

Território herdado.

Processo de recepção: deve-se destacar a importância do cristalino, que direciona a luz para a retina, localizada na parte posterior do olho. A retina, por sua vez, é um complexo tecido composto por cinco tipos de células diversas. A luz atravessa essas camadas de células, chega às receptoras e retorna por meio dessas camadas. No receptor óptico da retina existem dois tipos de células, os cones e os bastonetes.

Percepção visual

Espaço estruturado

Tomar consciência

Mobilidade visual

Somatória

Leituras visuais

Sabedoria popular

Pensamento específico

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

Geografia da observação

O modo de observar

Virtude observativa

Sistema de representação

Espaço matérico

Quadro de referência

O refazer e o ver

Memorial visual

O espaço é o centro das discussões;

Todos os espaços são geográficos;

Paisagem é tudo que vemos;

A paisagem tem escalas diferentes;

Dimensão da percepção;

Paisagem e região;

Os objetos culturais;

Relação cultural;

Paisagem artificial;

Paisagem construída a parte do trabalho;

Modificação da transformação da passagem;

Paisagem não é passagem;

A espacialização não é paisagem.

Segundo Luyten (2011, p. 6):

No plano pedagógico, os quadrinhos proporcionam experiências narrativas desde o início do aprendizado, fazendo os alunos adquirirem uma nova linguagem. Crianças e adolescentes seguem a história do começo ao final, compreendem seu enredo, seus personagens, a noção de tempo e espaço, sem necessidade de palavras sofisticadas e habilidades de decodificação. As imagens apoiam o texto e dão aos alunos pistas contextuais para o significado da palavra. Os quadrinhos atuam como uma espécie de andaime para o conhecimento do estudante. As Histórias em Quadrinhos na sala de aula também motivam os alunos relutantes ao aprendizado e à leitura. Elas os envolvem num formato literário

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

que eles conhecem. E também as HQs “falam” com eles de uma forma que entendem e, melhor do que isto, se identificam.

As Histórias em Quadrinhos acabam proporcionando o contato com novas narrativas que irão dar suporte ao processo de aprendizagem de crianças e adolescentes. Manguel (2001) nos indica que as narrativas existem no tempo e as imagens no espaço (p. 24). As HQ's acabam nos trazendo isso por meio de sua representação, pois os mesmos acabam sendo produzidos no tempo (representando o momento) e suas imagens podem ser visualizadas em vários espaços diferentes.

Contribuindo com esse pensamento, destaca-ser Vergueiro (2010, p. 21) que:

As histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens sua leitura e muito popular entre eles. A inclusão das HQs na sala de aula não e objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico.

Em outras palavras, as HQ's vão possuir uma leitura simples que faz com que os jovens acabem se apaixonando pelos textos ali presentes. Além disso, trazem a presença de super-heróis (elemento importante) para construção do espaço desses universos, fazendo com que esses jovens fiquem motivados com as aulas. Dessa maneira, os HQ's acabam possibilitando, ainda, a interdisciplinaridade dos conteúdos que podem ser trabalhados com outras disciplinas. Segundo Silva (2010, p. 14):

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

Os quadrinhos motivam a discussão e a reflexão e, principalmente, estimulam uma leitura mais apurada da realidade vivida e a desmistificação do discurso ideológico que permeia as relações sociais e políticas do mundo. Além disso a linguagem desse produto cultural é capaz de fazer a aula mais agradável para muitos alunos, tornando-os mais receptivos ao conteúdo, uma vez que apreciam esse tipo de atividade, por promover debates polifônicos, estimular a perspicácia e o pensamento crítico.

Nesse contexto, pode-se observar que as HQ's acabam motivando a participação dos alunos nas discussões e reflexões dentro de sala de aula, fazendo com que ocorra uma maior participação dentro de sala de aula, tornando um pouco mais concretos conteúdos que são mais subjetivos nos livros didáticos. Segundo Mendonça (2007, p.207) é importante reconhecer e utilizar histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica parece ser fundamental, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, as associam para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos. Segundo Eisner, 1995, o texto das histórias em quadrinhos é lido como uma imagem. Para Eisner (1995, p. 13):

A história em quadrinhos lida com dois importantes dispositivos de comunicação, palavras e imagens. Decerto trata-se de uma separação arbitrária. Mas parece válida, já que no moderno mundo da comunicação esses dispositivos são tratados separadamente. Na verdade, eles derivam de uma mesma origem, e no emprego habilidoso de palavras e imagens encontra-se o potencial expressivo do veículo.

O autor destaca que a História em Quadrinho lida com elementos importantes da comunicação, entre eles, o autor salienta a presença da imagem e das palavras. Esses elementos também estão presentes na ação de docentes na educação. É

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

importante o docente usar novas formas de ensinar, e a partir desta perspectiva o professor acaba usando esses recursos.

De acordo com Riano (1997, p. 20):

Relação professor-aluno ou ensino-aprendizagem mediada pedagogicamente e mediatizada por diversos materiais instrucionais e pela orientação de novos elementos educacionais. Isto é válido tanto para ambientes pedagógicos tradicionais como para aqueles que usam as novas tecnologias". O professor deve utilizar novos recursos pedagógicos para dinamizar suas aulas, principalmente diante das mudanças tecnológicas dos dias atuais.

Segundo França (2009, p. 4):

Certamente, se os recursos didáticos fossem utilizados de forma mais expressiva durante o processo de ensino-aprendizagem da Geografia, os alunos teriam outra concepção da Geografia, pois este processo poderia se tornar mais atrativo, porque somente a utilização do livro didático e do quadro negro não supre toda a carga visual que o ensino-aprendizagem de Geografia necessita.

Neste sentido, destaca-se que as Histórias em Quadrinhos tem um importante papel do uso de práticas pedagógicas alternativas para o desenvolvimento de aulas de geografia mais prazerosas para os alunos, tornando-a mais eficiente. Segundo DOZENA, 2008, p. 116 "a participação em aula deve sempre ser muito estimulada e estimulante, ou seja, que essa aula possa contribuir com o processo de aprendizagem dos alunos.

INFINITAS CONSIDERAÇÕES

As Histórias em Quadrinhos são importantes elementos históricos e geográficos e que acabam fazendo parte da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

construção histórica das sociedades, pois elas trazem traços e características do dado mundo histórico-geográfico.

O professor de Geografia deve criar suas metodologias de ensino que possam dá suporte e embasamento teórico-metodológico para suas aulas, por meios das mais variadas linguagens. Sendo assim, as HQ's surgem como uma possibilidade didática que vem para ser usada nas aulas de Geografia e que acaba refletindo realidades e dilemas da Geografia.

Portanto, as HQ's acaba contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia e que o professor deverá orientar sua prática docente por meio de um planejamento bem elaborado e dinâmico, tornando as aulas de Geografia mais significativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação /Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm, acesso em 04 de janeiro de 2015.

_____. **PCN - Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** (1997). Brasília: MEC/SEF.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. Características da investigação qualitativa. In: _____. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora. Porto. 1994.p. 47-51.

BLOG GEOGRAFIA PARA PROFESSORES. Motivos para produzir quadrinhos nas aulas de geografia. Disponível: <https://geografiaparaprofessores.wordpress.com/2014/11/25/4-motivos-para-produzir-historias-em-quadrinhos-nas-aulas-de-geografia/>, acesso em 13 de janeiro de 2018.

BONNEMAISON, Joël. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, Roberto Lobato;

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.** Cadernos CEDES. Campinas, v. 25, n. 66, maio/ago. 2005, p. 227-247. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e Prática de Ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002 p.101-120.

CIRNE, Moacy. A Biblioteca de Caicó: ensaios sobre vanguarda, semiologia e cultura de massas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

DOZENA, Alessandro. **UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A POSTURA DOS ALUNOS EM SALA DE AULA: PONTOS DE VISTA SOBRE A INDISCIPLINA.** Geografia - v. 17, n. 2, jul./dez. 2008.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial.** Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FRANÇA, B. A. de. **A utilização de recursos didáticos nas aulas de geografia em escolas da zona leste do Rio de Janeiro.** In: 10º Encontro Nacional de Prática de ensino em geografia. 30 de Agosto á 2 de Setembro, Porto Alegre, 2009.

FERRAZ, Cláudio Benito. **O TENSIONANDO AS INTENÇÕES: PARA ALGO ALÉM DO EXPOSTO.** Educação, arte e geografias linguagens em (in)tens(ç)ões [livro eletrônico] / Júlio César Suzuki, Valéria Cristina Pereira da Silva, Cláudio Benito O. Ferraz, Organizadores. – Porto Alegre : Imprensa Livre, 2016. 165/180.

FIALHO, L.; MACHADO, C.; SALES, J. Á M. de. **As correntes do pensamento geográfico e a Geografia ensinada no Ensino Fundamental: objetivos, objeto de estudo e a formação dos conceitos geográficos.** **Educação em foco.** Ano 17 - n. 23 - julho

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

2014 - p. 203-224. Disponível:

<http://www.uemg.br/openjournal/index.php/educacaoemfoco/article/view/432/355>, acesso em 03 de março de 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: Tipos**

fundamentais. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível:

<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>, acesso em março de 2018.

GOTO, T. A. (2008). **Introdução à psicologia fenomenológica.**

A nova psicologia de Edmundo Husserl. São Paulo: Paulus.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da**

experiência. In.: Revista Brasileira da Educação. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_LARROSA_BONDIA.PDF>. Acesso: fevereiro de 2019.

LIMA, Elaine Aparecida Barreto Gomes de. **Piratas no Tiête :**

cenários e fundos de cena das HQS. Campinas, SP: [s.n.], p.239, 2006. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Disponível: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252751?mode=full>> acesso em abril de 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANGUEL, A. **Lendo imagens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MENDONÇA, M. R.S. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos.** In: DIONÓCIO, A. P.; A. R. Machado e BEZERRA, M. A. Gêneros textuais & ensino. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda;

CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

RIANO, M. B. R. La evaluación em Educación a distancia. In: **Revista Brasileira de Educação a Distância**. Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisas Avançadas. Ano IV, Nº 20 1997. p 19-35.
RAMA, Ângela. Os quadrinhos no ensino da geografia. In: BARBOSA, Alexandre et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.87-104.

REDE DO SABER- SÃO PAULO. **Prática de Leitura e Escrita Oficina de História em Quadrinhos 1 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental**. Disponível:

http://www.rededosaber.sp.gov.br/contents/seguranca/GestaoPesquisa/main/file_dmp/PraticasPedag2009/LP_EF_H.pdf, acesso em fevereiro de 2019.

ROGERSON, P. **Métodos estatísticos para Geografia: um guia para o estudante**. 3 ed. Porto Alegre: Boohman, 2012.

SANTOS, Milton. **POR UMA OUTRA GLOBALIZAÇÃO** (do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2000.

SANTOS, W.T.P; MORO, P.R. in: NADAL, B.G. et al. **Práticas Pedagógicas Nos Anos Iniciais: concepções e ação**. Ponta Grossa. Editora UEPG. 2007.

SALOMON, Marlon. **O saber do espaço: Ensaio sobre a geografização do espaço em Santa Catarina no século XIX**. Tese em História Cultural. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002. Disponível:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83093/191582.pdf?sequence=1>, acesso em 13 de janeiro de 2018.

SEEMANN, Jörn. **O ensino de Cartografia que não está no currículo: olhares cartográficos, "carto-fatos" e "cultura cartográfica**. Ensino de geografia : novos olhares e práticas. / Flaviana Gasparotti Nunes (Organizadora). – Dourados, MS : UFGD, 2011. 200p.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

SILVA, E. I. A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: Charges e quadrinhos no uso da cidade.

Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.

SILVA, Eunice Isaias da; CAVALCANTI, Lana de Souza A MEDIAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA, POR CHARGES, CARTUNS E TIRAS DE QUADRINHOS Boletim Goiano de Geografia, vol. 28, núm. 2, julho-diciembre, 2008, pp. 141-155.

SOUZA, Gisele Luiza; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. Novas tecnologias: mudanças na sociedade e suas influências no processo educacional. UEG. Goiania. 2016. 373-382.

Disponível:

<http://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/viewFile/6137/4284>, acesso em fevereiro de 2019.

TERRA. Histórias em quadrinhos facilitam o aprendizado em aula. Disponível:

<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historias-em-quadrinhos-facilitam-o-aprendizado-em-aula,50a942ba7d2da310VgnCLD200000bbcce0aRCRD.html>, acesso em 13 de janeiro de 2018.

TONINI, Ivaine Maria. Uma geografia escolar com demandas sociais e culturais contemporâneas. In: CAVALCANTE, Lana de Souza; BUENO, Mirian Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de (Org.). Produção do conhecimento e pesquisa no ensino da geografia. Goiânia: PUC Goiás, 2011, p. 191-201.

TV ESCOLA. História em quadrinhos: um recurso de aprendizagem. Ano XXI, Boletim 01 – Abril de 2011, ISSN 1982 – 0283. Disponível:

https://www.moodlelivre.com.br/images/stories/pdf_ppt_Doc/181213historiaemquadrinhos.pdf, acesso em janeiro de 2018.

VESENTINI, Willian José. Repensando a Geografia Escolar para o século XXI. São Paulo: Plêiade, 2009. Disponível em: <
<http://www.geocritica.com.br/Arquivos20%PDF/Repensando%20a20%Geografia%escolar.pdf>>. Acesso em fevereiro de 2019.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino In: RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. BARI, Valéria Aparecida. **Perfil da leitora brasileira de quadrinhos: uma pesquisa participativa**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Salvador/BA - 1 a 5 Set 2002. Disponível:

http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2002_vergueiro.pdf, acesso em fevereiro de 2019.

_____. **Uso das HQs no ensino**. In: VERGUEIRO, Waldomiro, RAMA, Angela (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VOIGT, Elizandra. GIORDANI, Ana Claudia. BEZZI, Meri Lourdes. **geografia escolar e interação com as tecnologias da educação e comunicação (TICs)**. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos. UFRGS: Porto Alegre, 2010.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

LIBÂNIO, José Carlos. **Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores?**. Educativa, Goiânia, v. 9, n. 1, p25-46, jan./jun. 2006. Disponível em:

<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/73/69>>. Acesso em: 05 de março de 2019.

GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS

Lucia Maria Reis Breder⁵

Maria Aparecida Vieira de Melo⁶

RESUMO: A Geografia, antes de ser um componente curricular, é uma ciência social que estuda a organização e a dinâmica do espaço e pode ser compreendida como uma dimensão da totalidade social construída pelo ser humano. O estudo da Geografia de um lugar, assim como a formação do pensamento geográfico, envolve a construção e a aplicação de um conjunto de categorias de análise que permitem ler, representar, compreender, questionar uma determinada realidade e refletir sobre ela em qualquer escala, seja local, regional ou mundial.

⁵Graduada em Normal Superior (UNINCOR) e Matemática (UFOP), Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional (UCB) , Inspeção, Supervisão, Orientação Escolar e Biblioteconomia (INTERVALE). E-mail: lmartabreder@yahoo.com.br

⁶Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

PALAVRAS-CHAVE: Lugar. Espaço. Social.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

A educação vindo sendo palco de discussões nos mais variados espaços, a formação continuada dos professores é percebida como um processor permanente e constante de aperfeiçoamento dos saberes indispensáveis as atividades dos educadores. A formação continuada ajuda os professores a melhorar as suas práticas pedagógicas e apoiar os alunos na construção de conhecimentos.

Para Stefanello, (2008, p. 28), “o espaço vivido transcende o espaço geométrico; é dinâmico, rico em simbolismos, enfoca as relações espaciais, as contínuas experiências, a cultura e as aspirações humanas”.

O estudo da geografia regional permite entender as especificidades e particularidades do lugar; compreender as relações entre a sociedade e a natureza específicas do lugar em que vive; perceber que pertence a um determinado espaço e que deve agir de modo responsável em seu cotidiano.

As situações significativas de aprendizagem devem ser criadas e vivenciadas, para desenvolver conceitos e procedimentos fundamentais do fazer geográfico.

O presente trabalho apresenta as contribuições freirianas sobre o uso da imagem visual e sua utilização na prática educativa em Geografia.

Pergunta 1: Quais as palavras-chave contidas em cada um dos textos? R: “A ontogênese e o aprender” sob a autoria de Fernando Reinach: aprender - ontogênese; “Criatividade ou o homem em aprendizagem” sob a autoria de Rocha de Sousa: aprendizagem, criatividade.

Pergunta 2: Considerando-se os enunciados “Ontogênese” e “Aprender” como podemos na prática educativa viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo? R: Através da Educação Visual, o aluno conhece melhor a sociedade em que vive, interpreta a cultura da nossa época e toma contato com a cultura dos outros povos.

Pergunta 3. É possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa? Sim, partindo de imagens relacionadas com o seu cotidiano, eles podem desenvolver a imaginação e criar discussões.

Pergunta 4. Como podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento)? Interdisciplinaridade, pesquisa de campo, documentários, mapas, Google Earth, roda de conversa, produção de texto.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Esse estudo foi conduzido em uma escola estadual do município de Coronel Fabriciano, no Estado de Minas Gerais. Essa escola oferece os anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo uma clientela diversificada composta por alunos da zona urbana, provenientes da classe média (baixa).

Os sujeitos dessa pesquisa foram 25 (vinte e cinco) alunos de uma sala de 4º ano do Ensino Fundamental, matutino. Quanto à idade, a maioria desses alunos está na faixa etária entre 08 e 11 anos, que é adequada ao nível escolar que estão cursando.

A escolha do tema foi considerada a interdisciplinaridade, contextualização, diversidade e inclusão.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a ideia da Geografia como um componente importante para entender o mundo, a vida e o cotidiano

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

A sequência didática é facilitar a compreensão dos movimentos imigratórios que contribuíram para a formação do povo brasileiro. Os alunos analisam a obra *Navio de emigrantes*, de Lasar Segall, que retrata as motivações e o contexto pertinentes aos fluxos imigratórios de europeus no início do século XX. Eles também produzirão um mapa para analisar a distribuição territorial dos principais grupos de imigrantes que chegaram ao Brasil na primeira metade daquele século

Ao longo do processo, verificar se os alunos trazem exemplos da diversidade cultural brasileira relacionada com os fluxos de imigrantes que o país recebeu e ainda recebe. Avaliar, na primeira aula, se a turma entende a diversidade de povos e de culturas que originaram o que hoje chamamos de povo brasileiro. Observar se eles compreenderam os motivos que levam algumas pessoas a sair de seu país de origem para habitar outros locais; a pesquisa realizada na internet deverá servir para avaliar esse aprendizado, observando se os alunos conseguiram localizar as informações para elaborar a publicação. No decorrer da segunda aula, observar se eles conseguiram localizar os estados de destino dos imigrantes no mapa. Verificar se analisaram a distribuição dos imigrantes no território brasileiro e se a identificaram com aspectos culturais das diferentes regiões, de acordo com seu conhecimento prévio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Os alunos demonstraram interesse nas atividades propostas; participaram de trabalhos em grupo, das discussões propostas.

Primeira atividade: Laboratório de Informática: o tempo perdido para dirigir até ao laboratório e formação dos grupos; a discussão foi muito importante.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Segunda atividade: Pintura do Navio de emigrantes, de Lasar Segall: os questionamentos foram riquíssimos.

Terceira atividade: pesquisar sobre os imigrantes que vieram ao Brasil na primeira metade do século XX, a turma ficou agitada para escolher as melhores informações.

Quarta atividade: Mapa do Brasil: elaborar um símbolo para cada grupo que se instalaram em cada região do país.

Pergunta 1: Como a imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento? R; Aproveitando as potencialidades educativas, além da escrita.

Pergunta 2: Como é possível viabilizar a educabilidade do olhar? R: Possibilitando o constante questionamento, os diferentes olhares para que os problemas sejam analisados.

Pergunta 3: É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente? R: Sim, a reflexão aproxima o aluno da realidade, tendo uma visão local e global a um regime de verdade.

Pergunta 4: Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, como é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento. Aponte/sugira uma possibilidade, observando-se a duração de uma hora-aula ou horas-aulas de Geografia e outra disciplina, e roteirize explicando detalhadamente como ocorreria esta ação educativa.

1º Assistir o filme "Epidemia" (1995) de Wolfgang Petersen (3 aulas de 50 min);

2º Os alunos devem escrever numa folha qual é o tema e elaborar 3 questões com as dúvidas que surgiram; fazer um paralelo com os dias atuais (Covid); debater o efeito das fake

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

news; explorar a busca de informações e dados, argumentos e outras referências em fontes confiáveis; e a produção de textos.

3º) Analisar os gráficos com o crescimento da Covid do Município e Estado.

5º) Utilizar o mapa-painel da Johns Hopkins University & Medicine para acompanhar as últimas informações sobre o COVID-19, a doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV2) no mundo.

Pergunta 1: Em que consiste a ontogênese da imagem?
R. Captar a realidade e imobilizá-la; eternizar os elementos da realidade; uma espécie de catarse contra a certeza mais certa da vida: a perspectiva da morte.

Pergunta 2: Quais as relações existentes entre a arte da representação e a Geografia? As relacione sob o viés freiriano.
R. Ao dialogar com seus alunos as imagens, o professor estabelece uma relação e promove uma reflexão crítica; trabalhando o território, paisagem e espaço com croquis, jornais, jogos didáticos e passeios.

Pergunta 3: Como é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos? R. Compartilhando experiências em espaços e ações coletivas cotidianas.

Pergunta 4: Uma sugestão apontada no texto é o uso de quadrinhos/tirinhas. Como é possível por eles realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica? Poste aqui uma tirinha e explique como você a utilizaria.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

Imagem:



Fonte: Google (2021).

SAÚDE PÚBLICA

Escreva um parágrafo explicando as dificuldades para conseguir atendimento na Saúde Pública e aponte sugestões como tentar resolver esse grande problema.

A percepção visual é frequentemente apontada no fundamento dos seus aspectos físicos e psicológicos.

O conhecimento obtido é definitivo no exercício da visão, do modo como a idealizamos o nosso dia-a-dia e nos atos mais decisivos da nossa vida.

Geografia da observação: as táticas que adequamos na análise das aparências.

Movência do domínio observado: é um fator decisivo da nossa experiência.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Instrumentalização física de observação: admite estudar as nossas relações de registo e reelaboração das aparências.

Instrumentalização cultural da observação: provoca o olhar sobre o mundo visível.

Influência da percepção nos modos de representar: as características específicas do meio em que vive, e o modo como organiza o nosso comportamento psicológico.

Métodos decorrentes do nivelamento da acentuação: as formas são vinculadas, separadas ou conjuntamente aos tipos de simplificação.

Métodos decorrentes do efeito perspectivístico: embasou nas muitas formas pictóricas, a partir da Renascença.

Dos métodos projectuais: o uso dos dois pontos de vista e descobrir por cortes de zonas que suscite com maior eficácia a estrutura idealizada e adequada morfologia.

Pela gestão dos meios: matérias, materiais e técnicas: espaço do ver e fazer.

A ampliação múltipla fornece os instrumentos necessários da observação, admite aprimorar as capacidades visuais e acordar o maior número de hipóteses estabelecidas no domínio da representação e da sua exploração expressiva.

A nova relação da sociedade é construída por um procedimento cultural e social, que promove aprendizagem, é imprescindível preparar o olhar para encontrar a beleza da natureza através de um método cultural de aprendizagem de códigos e modelos.

Os conceitos de "paisagem", "região", "lugar", "espaço", e "território" são exemplares de áreas distintas pelos geógrafos na sua ocupação de conhecer e estudar a superfície da terra.

Na geografia humana evidencia o evento da paisagem ser um território visto e sentido, cada vez mais particular e organizado pelo pensamento. O ponto de vista centraliza no

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

indivíduo, nos seus aprendizados e nos aspectos que organiza do mundo exterior, as quais condicionam o comportamento.

Nasce a ideia de que a paisagem é uma autobiografia coletiva e inconsciente que conjectura gostos, aspirações e medos.

Portanto, na geografia humana, a paisagem enquanto representação e a paisagem enquanto extensão territorial, aperfeiçoam os acontecimentos, por não, se caracterizar, pois, todo o espaço geográfico é um fruto social, uma espacialidade edificada pela ação transformadora dos grupos sociais num procedimento contínuo que sugere avaliação da realidade exterior e em que retroceder reciprocamente está decididamente a ser feita.

A extensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos.

A percepção não é ainda o conhecimento, que estar sujeito de sua interpretação e esta será tanto mais adequada quanto mais atermos o risco de adotar por correto o que é só exterior.

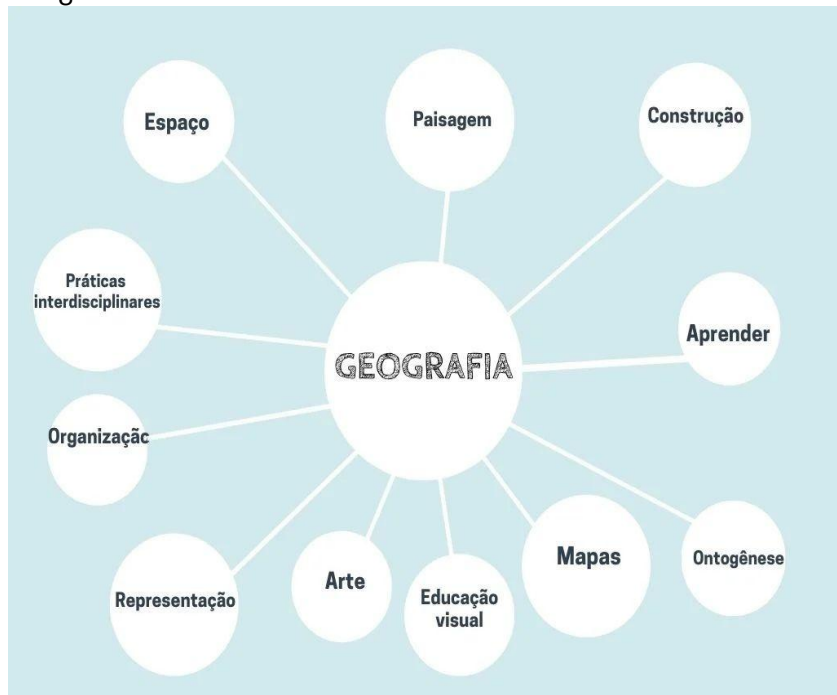
A geografia não é mais o estudo da paisagem, existiu grandes modificações no mundo.

A atualização da agricultura, a dispersão industrial coloca configurações novas de organização espacial.

A produção do espaço é decorrente da ação dos homens atuando sobre o próprio espaço, por meio dos objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a representação de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois a informação, além disso, faz parte do rol das forças bem-sucedidas.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

Imagem:



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e afetados; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe um grande número de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de intérpretes. Quanto mais difícil a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos dirigimos a um mundo afetado.

A paisagem é uma herança de muitos períodos, já passados, o que levou Lênin a dizer que a grande cidade é um

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

legado do capitalismo, e veio para continuar a ser, precisando os planejadores do futuro levar em conta esse fato.

A paisagem não é oferecida para todo o sempre, é elemento de transformação. É uma consequência de adições e subtrações consecutivas. É uma classe de marca da história das tarefas, das técnicas. Por isso, ela é adequada e parcialmente trabalho morto, já que é desenvolvida por elementos naturais e artificiais.

A paisagem é reutilizada, uma mistura, mas que tem um procedimento singulares.

O espaço é a consequência da atuação dos homens sobre o próprio ambiente, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

O espaço é a consequência da soma e do resumo, sempre recomposta, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. A paisagem tem duração e a espacialidade é um período. A paisagem é evento, a espacialização é ativa e o espaço é estrutural. A paisagem é coisa relativamente constante, enquanto a espacialização é variável, circunstancial, fruto de uma transformação estrutural ou funcional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo evolui de forma rápida e a tecnologia assume uma relevância cada vez maior no processo de aprendizagem, o curso de aperfeiçoamento contribui para a evolução constante do trabalho do docente, porque beneficia a criação de novos ambientes de aprendizagem, dando novo significado às práticas pedagógicas.

O educador melhora sua prática docente e seu conhecimento profissional e despertar a consciência para o seu papel social dentro e fora da sala de aula. O educador deve se manter atualizado e bem informado não apenas em relação aos fatos e acontecimentos, mas, principalmente, em relação à

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

evolução das práticas pedagógicas e às novas tendências educacionais.

A Geografia contribui para desenvolver o domínio da linguagem nos aspectos da leitura, da escrita, da oralidade e do vocabulário (mapas, plantas, fotografias, desenhos, esquemas, tabelas e gráficos).

REFERÊNCIAS

Brasil. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. 600 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 29 mai. 2021.

ORTEGA, Lígia. **MINAS GERAIS. GEOGRAFIA**. São Paulo: Editora Ática, 2012.

Programa de Capacitação de Professores (PROCAP). **Eixos Temáticos**. SEE/MG, 2011.

STEFANELLO, A. C. **Metodologia do ensino de história e geografia: didática e avaliação da aprendizagem no ensino de geografia**. Curitiba: IBPEX, 2008.

Outras referências:

<https://avaproex.sedis.ufrn.br/course/view.php?id=210>. Acesso em: 29 mai. 2021.

<https://www.edocente.com.br/blog/escola/sequencia-didatica-para-educacao-basica/>. Acesso em: 29 mai. 2021.

https://plurall-content.s3.amazonaws.com/oeds/PNLD2019/LIGAMUNDO/LigaMundo_Geografia%205/29_LM_GEO_5ANO_4BIM_Sequencia_didatica_3_TRTA.pdf.

Acesso em: 29 mai. 2021.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

USO DE IMAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM CONTEXTO EDUCACIONAL FORMAL: UM CONVITE À REFLEXÃO DOCENTE A PARTIR DE COLETA DE DADOS NA COMUNIDADE PASSO DA PÁTRIA

Tiago da Silva Bezerra⁷
Ricardo Santos de Almeida⁸

RESUMO: Em linhas gerais, a justificativa foi devido ao processo de ensino-aprendizagem se utilizar pouco de imagem nas

⁷Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Possui especializações em Ensino da Língua Portuguesa e Matemática em uma perspectiva Transdisciplinar e Educação Ambiental e Geografia do Semiárido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atuei em várias funções no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Diversidade (NEGÊDI) e do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso (GETED) e exerci a função de professor mediador a distância em cursos técnicos. Atualmente exerço a função de parecerista na Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), da Revista Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Revista Pró-discente da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Além disso, sou membro integrante do Grupo Texto Livre da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e autor de livros da Novas Edições Acadêmicas.

⁸Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Camponeses (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

práticas pedagógicas do componente curricular de Geografia. Além disso, este recurso pedagógico fez relação com o tema gerador elevação da temperatura e sua articulação com o desmatamento estudado no contexto educacional formal de ensino e estavam associados também as competências da reflexão e criticidade. Partindo do exposto, o planejamento, desenvolvimento e aperfeiçoamento ocorreram na Comunidade Passo da Pátria com dois alunos da Escola Municipal Professora Mareci Gomes dos Santos, cujas idades oscilavam entre 9 e 10 anos. Nesse sentido, para tornar confiável o estudo científico, foram abordados autores, tais como Freire (1996, p. 31), Luck (2007, p.59), Souza (1995, p. 31) e Salgueiro (2001, p. 38-41) e a Base Nacional Comum Curricular (2017). Quanto à metodologia foi qualitativa e exploratória por meio da coleta de dados e sua análise e os resultados desta pesquisa contribuíram na formação continuada de docentes da educação básica e do ensino superior no tocante ao fato de que os alunos foram o centro do processo de ensino-aprendizagem em variados aspectos, tais como demandas escolares, imprevistos, situações, inesperadas, ritmos de aprendizagem, desafios do fazer pedagógico, currículo escolar, avaliação diagnóstica, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Tema gerador. Ensino

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Em linhas gerais, a formação continuada de professores é um desafio na educação escolar formal. Diante desta situação, o uso de imagem consiste num recurso pedagógico que deve ser mais utilizado no processo de ensino-aprendizagem da educação escolar formal. Por isso, o professor em exercício deve explorá-lo no tocante a desenvolver variadas competências. Nesse sentido, de acordo com o planejamento, desenvolvimento e aperfeiçoamento das práticas pedagógicas,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

o professor pode levar em conta as demandas educacionais de cada instituição escolar, bem como a questão curricular entre outros aspectos.

Em termos concretos, o uso de imagem em cada instituição escolar é bastante singular porque as metodologias de ensino não devem ser utilizadas de forma igualitária em escolas de regiões brasileiras diferentes, entre outros aspectos, pois a diversidade sociocultural é muito abrangente em nosso país. Convém lembrar que, o tema gerador elevação da temperatura deve ser explicitado no currículo escolar e aplicado e/ou concretizado na sala de aula. Considerando todos estes pontos é preciso considerar que a ortogênese ocorre durante toda a vida do ser humano desde o momento em que ele forma principalmente sua identidade. Dependendo deste local em que está inserido, pode contribuir satisfatoriamente no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos estudados na sala de aula.

No que se refere ainda aos processos de ortogênese e aprender, devem estar associados na formação continuada de professores porque devem ser analisados nas perspectivas municipal, estadual e nacional. Diante desta constatação, é necessário que seja compreendido de modo particular e relacionado entre os aspectos discutidos, visto que deve ser compreendida no tocante a totalidade ao se relacionar com a educação escolar formal na disciplina de Geografia no que concerne a sua ligação entre outras disciplinas e articulação com a realidade estudada e o contexto educacional formal de ensino.

Quanto ao objetivo geral foi desenvolver metodologias de ensino que consideram o aluno protagonista da sua aprendizagem. Diante desta constatação, os motivos que levaram ao estudo científico foram; a pouca utilização de imagem no processo de ensino-aprendizagem, pois deve contribuir para que sejam considerados ativos na aprendizagem escolar formal como também a relação dela com o cotidiano

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

destes indivíduos no que tange a elevação da temperatura e sua relação com a derrubada de árvores. Somado a estes motivos podem ser acrescentados a reflexão e a criticidade porque não podem estar desarticuladas do contexto em que os alunos estão inseridos, pois a tornaria desarticulada de suas vivências e experiências extraescolares.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A Comunidade Passo da Pátria está localizada na zona leste da capital potiguar, no estado do Rio Grande do Norte. Além disso, ela é uma comunidade ribeirinha porque está próxima do Rio Potengi e no outro lado estão os manguezais. Sobre esta comunidade pode ser alegado ainda que, está nas proximidades da foz do Rio Potengi que deságua no Oceano Atlântico e existem vários problemas sociais nesta realidade discutida, pois a prática cidadã das pessoas que habitam nesta localidade, está contribuindo para a diminuição de casos de uso de drogas, criminalidade, entre outros.

Quanto à escolha do tema considerou a relação do uso de imagem com a contextualização geográfica desta região discutida, já que estava totalmente associada com o tema gerador elevação da temperatura. É necessário ressaltar que, considerou a diversidade cultural e a questão do processo de inclusão destes indivíduos que também são considerados cidadãos. Podem se acrescentado a questão das construções residenciais próximas ao rio e seus impactos ambientais com o desmatamento.

No que diz respeito à sequência didática foram abordados conteúdos, tais como a derrubada das árvores e sua relação com o aumento da temperatura, clima, relevo e vegetação que foi realizada uma coleta de dados com dois alunos da Escola Municipal Professora Mareci Gomes dos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Santos. Quanto às estratégias de ensino foram comiserados os conteúdos abordados na sequência didática e foram consideradas também as singularidades dos alunos, questão sociocultural, o uso do recurso didático imagem, entre outros que sob a mediação pedagógica do professor contribuíram para o redimensionamento das práticas pedagógicas.

Além disso, podem ser considerados os imprevistos, situações inesperadas, curiosidade, ludicidade, dinamicidade, ritmos de aprendizagem, desenvolvimento cognitivo, faixa etária, entre outros. Todos estes aspectos necessitavam considerar o aluno sujeito do processo de ensino-aprendizagem e sua realidade fora do contexto extraescolar. Quanto às estratégias avaliativas, por sua vez, considerou o ensino de forma integral, pois a partir disto ocorreu a possibilidade de avaliar e melhorar significativamente o processo de ensino-aprendizagem destes dois alunos. Diante desta constatação foram consideradas as falhas no processo de avaliação, tendo em vista o redimensionamento do estudo realizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA A COLETA DE DADOS E SUA ANÁLISE

Considerando a coleta de dados e sua análise, a pesquisa qualitativa e exploratória foi muito satisfatória porque levaram em conta os alunos. Nesse sentido, a análise dos dados coletados considerou a individualidade de cada discente. Podem ser acrescentados que, todos estes aspectos foram essenciais para repensar o processo de ensino-aprendizagem destes estudantes.

Todos estes aspectos supracitados têm relação direta com o fato de que o aluno a todo instante foi o centro do processo de ensino-aprendizagem e quaisquer imprevistos e situações inesperadas, ocorria a mediação pedagógica para

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

considerar as demandas educacionais. Convém lembrar que, a aprendizagem foi significativa para eles em virtude de que tinha relação direta com a realidade em que estavam inseridos do ponto de vista sociocultural. Todas as intervenções foram realizadas no momento oportuno e contribuíram para o êxito deste estudo científico.

DESAFIOS PARA O FAZER PEDAGÓGICO COM O USO DE IMAGEM NA EDUCAÇÃO ESCOLAR FORMAL NA CONTEMPORANEIDADE

Foram levados em conta dois aspectos muito importantes no processo de repensar o fazer pedagógico. Diante desta constatação, um deles estava relacionado ao fato dos alunos não gostavam do componente curricular Geografia e sua ligação com o cotidiano em virtude de vários motivos. Em se tratando deste aspecto, decorreu que não bastava apenas abordar o uso deste recurso metodológico.

Nesse contexto, ao término desta etapa foi considerado a criticidade, no qual tem relação com aos desafios do (a) professor (a) na atualidade de acordo com Freire (1996, p.31) aborda que não pode haver valorização dos conhecimentos organizados e sistematizados no contexto da educação escolar no tocante a desvalorização dos conhecimentos provenientes do senso comum. Ambos dependem um do outro para que a criticidade ocorra efetivamente e o professor pode fazer a mediação pedagógica, considerando estas questões de variadas formas.

Todos os dados coletados foram valorizados, uma vez que foi considerado pertinente relevante e articulado ao tema gerador pesquisado, tendo em vista que o erro fazia parte da aprendizagem e o pesquisador estava ali para ensinar e aprender com os alunos e vice versa. No que se refere à questão da interdisciplinaridade, Luck (2007, p. 59) alega que

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

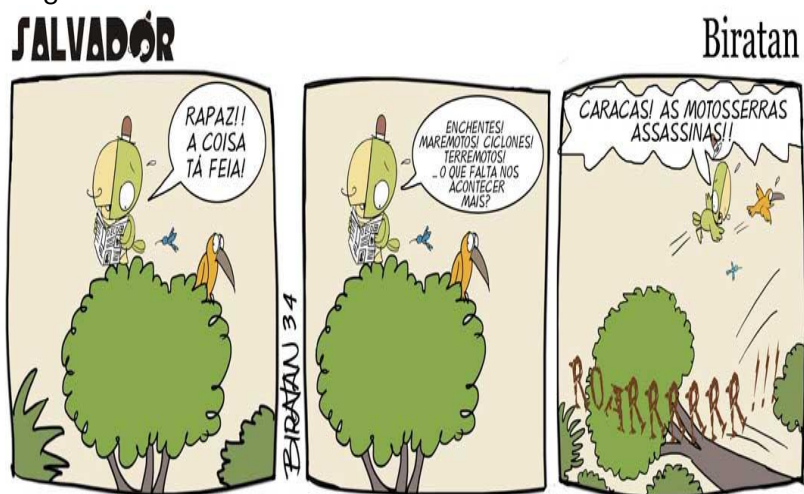
ela consiste na superação da visão fragmentadora das temáticas estudadas na escola, bem como estes conhecimentos fragmentados devem produzir e associar sentido ao se tratar do tema pesquisado. Outra sugestão poderia abordá-lo em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (2017). Isso foi abordado para os dois alunos no sentido de mostrar a íntima associação entre aumento da temperatura, porém a coleta de dados mostrou que são contrários os pensamentos dos estudantes.

Convém lembrar que, a ontogênese da imagem consiste na íntima associação com a realidade na qual estas pessoas estavam inseridas. Nesse sentido, tratavam de aspectos peculiares ao que os estudantes se deparavam cotidianamente sobre o mundo. (REINACH, 2013). Essa constatação foi percebida quando coletada as informações e as visões eram totalmente opostas porque cada um se percebe de forma particular, mesmo que sendo no contexto sociocultural pesquisado. Tudo se relaciona à formação principalmente da identidade.

Nesta primeira etapa de execução do estudo, foi considerado que atendeu as expectativas, já que todos participam livremente e não foi obrigado a ambos os alunos respostas corretas, mas seus olhares diante da realidade em estudo a partir da imagem a seguir:

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Imagem:



Fonte: Disponível em:
<https://guiaecologico.wordpress.com/2010/05/03/tira-do-salvador-13/>
Acesso em: 21 mar 2021

Quanto à articulação do ensino da Geografia com o cotidiano dos alunos por meio dos conhecimentos organizados e sistematizados, por sua vez, foi possível relacioná-los também com a imagem acima.

De acordo com o desenrolar dos posicionamentos dos discentes e sob a mediação pedagógica do professor foram realizadas as modificações necessárias, como também seu aperfeiçoamento. Nesse sentido, foi preciso fazer a distinção entre o olhar e o ver (SOUSA, 1995 p.31). Conforme dito anteriormente, cada um deles tinha uma visão peculiar e foi respeitada, uma vez que tinha ligação com o fato do aluno ser sujeito de sua aprendizagem.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

Quanto ao domínio observado decorreu que ele deveria ser agente de transformação deste ambiente, ao passo que foi necessário abordar questões de ordem intrínseca e extrínseca, pois consistiu no aprendizado e refletiram sobre a metodologia de ensino que estava sendo desenvolvida junto aos estudantes. De modo concreto, a todo instante foram ressignificados a abordagem do tema gerador cuja pesquisa foi realizada satisfatoriamente no sentido de levantar informações de extrema relevância na formação continuada do professorado.

É necessário afirmar que, Salgueiro (2001, p. 38-39) mostra a separação entre sujeito e objeto, neste caso a natureza porque a paisagem consiste numa forma de compreender e concretizar a realidade ao entorno de um determinado contexto sociocultural. Em se tratando disto, a relação do homem com a natureza muda no decorrer do tempo em virtude de variados aspectos que não podem estar dissociados. Ainda conforme Salgueiro (2001, p. 40) a paisagem está relacionada à área visível desde o século XIII e ela surgiu a partir da consolidação da Geografia, enquanto campo do conhecimento humano. Convém lembrar que, Salgueiro (2001, p.41), aborda estudos sobre a paisagem que consideraram inicialmente as formas físicas da superfície terrestre que posteriormente foram modificados.

Foi ainda mostrado a paisagem e o espaço aos alunos da Comunidade Passo da Pátria, relacionados ao local em que vivem. Podem ser acrescentados que as relações entre homem, sociedade e natureza devem estar interligadas porque inexistem alterações nela sem que haja um pensamento ideológico que vigora na sociedade. Concretamente, foi abordado que a região na qual estes estudantes residem, existia vegetação antes da existência da comunidade pesquisada e eles alegaram que esta localidade em que vivem não tem relação como estudo realizado. Considerando a última etapa deste estudo era preciso estabelecer a diferença entre paisagem e espaço e não

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

ocorreu esta diferenciação pelo pesquisador. Dentro desta perspectiva, não ocorreu a padronização do processo de ensino-aprendizagem destes alunos porque contribuiu no processo de formação continuada de docentes da educação básica e de nível superior que devem considerar as demandas educacionais de variadas naturezas com seus desafios na atualidade no desenvolvimento de competências (BNCC, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do curso de aperfeiçoamento em Paulo Freire foi possível entender que o processo de ensino-aprendizagem deve levar em conta questões que perpassam o contexto educacional formal. Nesse sentido, o professor em formação continuada deve considerar aspectos peculiares de cada realidade educacional e relacioná-los ao currículo escolar, tendo em vista a transformação social por meio de práticas pedagógicas inclusivas.

Cumprir lembrar ainda que, para minha formação enquanto pedagogo foi de suma relevância porque abordou o recurso pedagógico da imagem pouco utilizado nas práticas pedagógicas inclusivas, pois a partir da reflexão sobre diversificadas realidades fora do contexto escolar, ocorreu a possibilidade de abordar temáticas relacionadas aos vários conteúdos de Geografia para os anos iniciais do ensino fundamental.

Abordo ainda que, este recurso pedagógico consiste numa leitura sobre os conhecimentos prévios dos alunos sobre a realidade ao seu entorno. Nesse sentido, depende de cada realidade na qual os alunos estão inseridos. Em termos concretos, abordá-la e sua relação com o contexto extraescolar é multifacetada, pois ela pode estar direcionada a variados contextos nos quais os estudantes estão inseridos. Dessa forma,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

no sentido de exemplificá-la pode retratar uma realidade em que um rio pode estar sendo poluído, uma vez que ela deve ser abordada em diversificados conteúdos por meio de sequências didáticas.

Além disso, pode ser compreendida sob o enfoque de leitura, visto que tem relação com os olhares de cada indivíduo sobre as realidades que o cercam. Dentro desta perspectiva, esses olhares são variados, frutos de experiências e vivências destes estudantes. Isso se relaciona aos diversificados conteúdos estudados no ambiente escolar no decorrer da educação básica no que se referem as suas etapas e modalidades.

Concretamente, a leitura é fundamental no processo de apropriação dos conteúdos organizados e sistematizados porque cada aluno irá aprender em conformidade com suas habilidades e competências. Outro ponto a ser abordado diz respeito ao fato de que a mediação pedagógica deve ser um aspecto de suma relevância neste processo de leitura de imagens, pois dependendo de imprevistos, situações inesperadas, entre outros pontos contribuem para que efetivamente a aprendizagem se torne significativa, relevante, dinâmica e lúdica.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. In: ____ **Ensinar exige criticidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 31 (Coleção Leitura).

LUCK, Heloisa. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. In: ____ **O sentido da interdisciplinaridade**. 15º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 59.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

REINACH, Fernando. A ontogênese e o aprender. **O Estado de São Paulo** São Paulo 10/04/2013 Disponível em: <http://www.abc.org.br/2013/04/12/a-ontogenese-e-o-aprender>>.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72,. Lisboa, 2001, p. 38-41.

SALVADOR, Biratan Imagem Disponível em: <<https://guiaecologico.wordpress.com/2010/05/03/tira-do-salvador-13/>>

Acesso em: 21 mar 2021.

SOUSA, Rocha de . Didáctica da Educação Visual. In: _____ **Percepção visual e representação**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

A EXPERIÊNCIA DO CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM MODO DE PENSAR POR IMAGENS

Pietro Renato Felix de Queiroz⁹
Ricardo Santos de Almeida¹⁰

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do cinema no ensino de geografia como possibilidade do pensar geográfico através das imagens. O cinema é visto como linguagem provedora de experiências sensoriais na relação do ser humano com a imagem, ampliando a compreensão dos conteúdos da geografia escolar no fomento do raciocínio geográfico do estudante. A partir da aplicação de recursos metodológicos, compreender as dinâmicas do espaço geográfico a partir das imagens e desvendar os fenômenos geográficos notados no filme. Como resultado, a experiência é compreendida como algo que nos passa, atravessa, em sentido apontado por Jorge Larrosa Bondía (2002), e a geografia é uma ciência que se apresenta

⁹Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Estudante do curso de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador integrante do Laboratório de Estudos sobre Espaços, Cultura e Política - LECgeo. Pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa em Geografias Negras e Indígenas - GENÍ.

¹⁰Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

através de estruturas visuais. De tal forma, aprender os conceitos geográficos por meio das linguagens visuais auxilia no desenvolvimento cognitivo como estimula a criatividade na prática escolar. O jogo entre experiência e estruturas visuais é o ponto norteador para desenvolver o raciocínio geográfico através da imagem cinematográfica com estudantes por meio de associação de experiências entre o filme x cotidiano dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: geografia, cinema, experiência, raciocínio geográfico.

PENSAR A PRÁTICA DOCENTE POR MEIO DAS IMAGENS: CONTEXTUALIZAÇÃO DE ESTUDO

A prática docente é repleta de desafios se pensarmos sobre as possíveis formas de aprendizagem na sala de aula. São muitos aspectos que envolve a prática docente à medida que o campo de possibilidades se expande, principalmente, com a marcante presença da tecnologia. A formação continuada do professor de geografia, haja vista, é espaço para a discussão sobre os desafios do fazer docente no campo científico e pedagógico em tempos cibernéticos, promovendo a inclusão e desenvolvimento das relações na escola e, principalmente, no desenvolvimento da identidade docente. A busca constante de diálogo com o mundo e suas inovações é um requisito fundamental para atingir tais objetivos, o que não significa que no momento do exercício da prática docente como licenciados, não poderemos realizar experimentações metodológicas e pedagógicas; pelo contrário, teremos a segurança em desenvolver tais ações que propiciem a partilha de saberes sobre a ciência em sala de aula. Assim, compreendemos que o estímulo às aptidões dos educandos perpassa as escolhas metodológicas de cada docente. Na experiência da imagem com a geografia, somos provocados a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

desvendar possibilidades para o ensino que amplie a experiência de estudantes no convívio com o conteúdo programático da geografia escolar.

Definir um caminho é desafiador por estarmos sobre o risco da repetição de formatos que desestimule o estudante e, por consequência, desencoraje o professor. Todavia, seguir um caminho que busque o desenvolvimento de um raciocínio geográfico através de dispositivos de comunicação em massa, pela ampla disponibilidade de opções de acesso na rede mundial de computadores. Alicerçados pela lei nº 13006/2014, que estabelece a “exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (BRASIL, 2014), coube o desafio curatorial em escolher obras nacionais que propusessem o debate geográfico. Ao mesmo tempo, colocar em debate o raciocínio geográfico do professor a partir do filme nos faz entender como a interpretação no cinema, enquanto artefato cultural, contribui na compreensão do papel da memória e dos diferentes imaginários geográficos na criação de imagens de lugar à construção das paisagens culturais (AZEVEDO, 2009). A percepção do espaço no filme requer, a partir da relação imagética, do estudante um jogo de olhares entre o real e ficcional posto em tela durante a aula.

O filme, aqui, é produto da sociedade capaz de emitir um pensamento sobre um objeto. Neste sentido, partimos da premissa que o filme atua enquanto mediador das relações espaciais entre as pessoas que ali o vivem. Visando a construção do pensamento geográfico do estudante, propõe-se a articular os conhecimentos obtidos na formação acadêmica do professor com o conhecimento cotidiano, aquele onde o estudante está inserido, e estimular a noção geográfica de cada estudante em sala de aula. A formulação do modo de pensamento geográfico elaborado Copatti e Callai (2020) serve

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

como exemplo sistemático do desenvolvimento geográfico do ser humano, o que põe os níveis de experiência no espaço vivido por cada sujeito da sala de aula, um referencial importante para compreensão do espaço geográfico. Portanto, eleger o filme como recurso didático para o desenvolvimento do raciocínio geográfico é fundamental para o desenvolvimento da criatividade, da autonomia e os sentidos, que são partes da ontogênese do ser humano. Conforme os sentidos são estimulados e desenvolvidos, através da criatividade, o docente pode propor desafios para os discentes de forma que estimulem o raciocínio geográfico e o desenvolvimento do pensamento crítico pelas imagens. construindo, todavia, uma leitura sobre o mundo.

Sobre a premissa de que a geografia é uma ciência nos permite pensar através de estruturas visuais (GOMES, 2017), e seus conceitos nos levam à reflexão por meios destas estruturas, sendo o seu uso produto das relações entre a sociedade e a natureza e suas consequências na produção do espaço, este trabalho propõe refletir acerca do campo das imagens no desenvolvimento do raciocínio geográfico, tendo o cinema como objeto analítico e portador de alternativas pedagógicas no ensino de geografia. Para tanto, produzir imagens é uma das condições humanas de registrar, elaborar e refletir sobre fenômenos geográfico em seu entorno, sedimenta a construção do olhar geográfico por parte do estudante, que por sua vez, desenvolve o raciocínio geográfico pelo uso de imagens. A imagem, aqui, é o elemento visual que possibilita o estudante usar da criatividade como elemento associativo das interações desenvolvidas na assimilação dos conhecimentos teóricos dados em sala de aula e, conseqüentemente, a apropriação dos conceitos geográficos.

CAMINHOS PARA PENSAR A IMAGEM E GEOGRAFIA

Os dispositivos produtores de imagem, conforme a evolução técnica estabelecem novas relações entre sociedade e a natureza ampliando, assim, o campo de problemáticas na contemporaneidade. Ao pensar as imagens e as geografias que nela habitam, o filme atua como extensão do olhar do observador. O estudante acompanhado dos seus dispositivos de imagem, como o celular, constrói narrativas sobre e por si podendo reverberar em narrativas que se localizam sobre determinado espaço. O reconhecimento dos espaços permite, então, a demarcação de espacialidades do cotidiano de quem observa na construção da geografia do sujeito, ou seja, da geografia que é construída em cada um de nós. Sob este pressuposto, consideramos a elaboração de esquemas mentais ao relacionar os conceitos geográficos e sua aplicação no ensino básico como sugere Pires e Alves (2013). A esquematização conceitual serve aqui como metodologia principal na observação filmica. Ao vermos um filme, nossos sentidos são mobilizados pela narrativa em tela, um conjunto de signos e significados da imagem e do som, que constrói níveis de experiência através do contato com o filme. Assim, a imagem aproxima os estudantes dos contextos pessoais com os conteúdos aprendidos em sala de aula por meio da associação e reflexão sobre os exemplos praticados na observação da imagem.

Ao utilizar o filme nacional, objetiva-se aproximar o estudante de uma produção que é invisibilizada pelo mercado. Ao mesmo tempo, o campo de referências temáticas na produção nacional de cinema aproxima seu espectador de realidades próximas do seu cotidiano, provocando sentimentos que atravessam diversos níveis de compreensão sobre o que está sendo visto. É por este caminho que estamos posicionados em uma cidade que é reconhecida pela produção de cinema

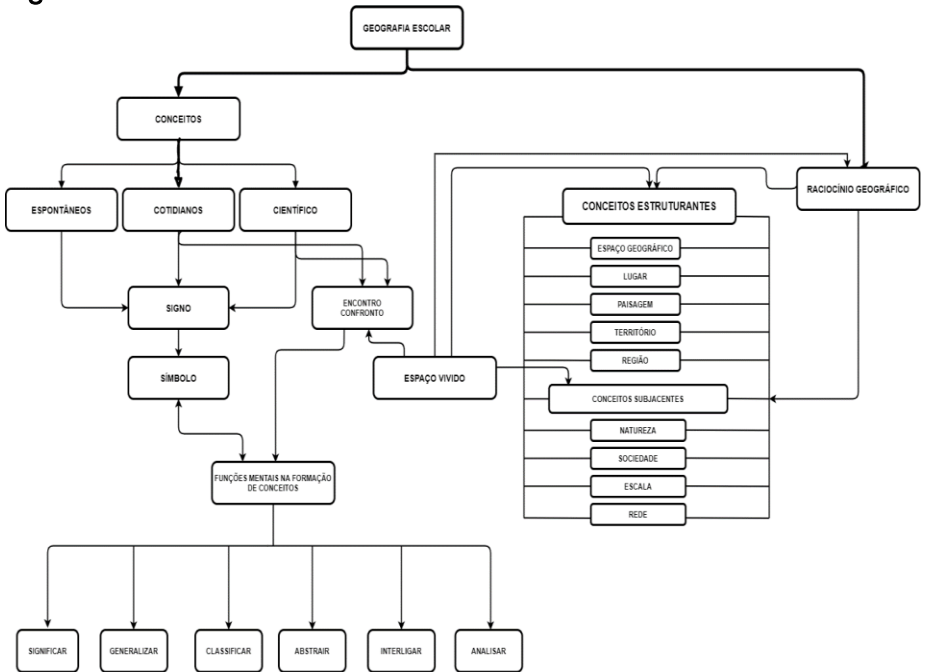
Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

em nível nacional e internacional. Recife é historicamente reconhecido por sua característica plural na produção de narrativas que dialogam com diversos extratos da sociedade, tendo a cidade como principal protagonista em suas histórias (QUEIROZ, 2015).

A abertura sensível que o filme nacional possibilita ao estudante é em reconhecer-se como integrante deste mesmo espaço visto em tela. O papel representacional da imagem atua como elemento de produção de significados ao observador e, conseqüentemente, o aprimoramento do raciocínio geográfico no sentido já mencionado por Copatti e Callai (2020). Para tanto, a experiência geográfica proporcionada pelo filme se dará entre a mediação *percepção x experiência x raciocínio* desenvolvido pelo estudante de modo que este relacione elementos do filme visto com o seu contexto de vida, a fim de estabelecer relações socioespaciais a partir da imagem (ver na página a seguir).

Considerado tal esquema, viabilizar tal exercício que atenda o objetivo em desenvolver o raciocínio geográfico por meio da imagem cinematográfica por meio de associação de experiências entre o filme x cotidiano dos estudantes. Contudo, outro ponto é fundamental para a realização de uma sessão fílmica com objetivos já traçados, a escolha do filme. O exercício da curadoria no cinema é similar a elaboração de um plano de aula. Na curadoria de cinema, por exemplo, ao planejar uma sessão temática o curador assiste um número de filmes que tenham temáticas afins para que os selecionados possam compor o bloco temático. O professor, ao elaborar uma aula, busca formas que propiciem ao estudante acessar o conteúdo de forma prazerosa, que a assimilação dos conhecimentos torne o exercício da reflexão uma atividade especial, como o filme. Dessa forma, o professor que propor uma sessão fílmica precisa ser comprometido com a proposta pedagógica que o filme ofereça.

Figura 1



Legenda: Mapa conceitual desenvolvido pelo autor com base em Pires e Alves (2013).

Fonte: Pires e Alves (2013).

Neste sentido, consideramos a experiência de ver um filme como o ato em que permitir-se navegar por mares desconhecidos proporcionam experiências inesperadas na aprendizagem. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). As palavras de Jorge Larrosa sobre a experiência é ponto de reflexão ao pensar a interface cinema x educação x geografia. Para este autor, a experiência está relacionada ao ponto de imersão de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

um sujeito sobre uma determina relação com um objeto imagético, por exemplo, diferente da informação, que apenas entrega um produto inacabado que não propicia uma imersão sobre sua construção. O filme, nesse sentido, através dos seus diversos dispositivos sensoriais é capaz de propor experiências que interage com as subjetividades de seu espectador, suscitando a capacidade reflexiva deste sujeito entre o que foi visto com a sua realidade. Esse aspecto incentiva a escolha de um filme que possa ser experimentado por um grupo dentro do ambiente escolar, que estimula, também, a sociabilidade entre os estudantes e demais membros da comunidade escolar na troca de saberes a respeito da obra e dos resultados obtidos com a experiência fílmica. Assim, os procedimentos metodológicos pensados para uma experimentação com estudantes são:

- Exibição de filme em curta ou longa-metragem definido de acordo com o tema do dia;
- Discussão de pontos estratégicos do tema da aula percebidos no filme;
- Produção de texto as impressões sobre o filme, levando exemplos das experiências de vida sobre o tema da aula;

Como proposta de filme, o curta-metragem pernambucano *Praça Walt Disney*, dirigido por Renata Pinheiro, lançado em 2011, surge como proposta de uso didático, que se apresenta através de sua sinopse¹¹ assim:

¹¹ Sinopse oficial do filme retirada do site da Cinemateca Pernambucana. O filme encontra-se disponível para exibição no portal da Cinemateca Pernambucana através do endereço <http://cinematecapernambucana.com.br/filme/?id=2451>. Acesso em 27 de abril de 2021.

Praça Walt Disney é um documentário reflexivo sobre uma praça, um bairro, uma cidade, um país. Uma “quase música” sobre uma cultura de ocupação urbana que reflete à sociedade brasileira e mundial. O documentário envereda por uma visão subjetiva, não disciplinada, da realidade de um bairro. De um mundo. Praça Walt Disney privilegia a acuidade sensorial que o audiovisual propicia para a percepção/construção de uma realidade que se passa a nossa frente, que muitas vezes não é percebida.

A apresentação do filme aponta alguns aspectos sobre a ocupação urbana e desenvolvimento das cidades. Ao eleger o filme para exibição em sala de aula, entendemos que o uso do filme na perspectiva de Larrosa (2002) pressupõe imergir no campo sensorial lançado pela imagem e relacionar as impressões obtidas na sessão com os conceitos discutidos em sala de aula. Como temática, foi pensado o desenvolvimento dos centros urbanos no Brasil, estimulando os estudantes através do lançamento de questões acerca do filme associando-as aos seus contextos de vida. Assim, as intervenções proferidas pelos estudantes das associações feitas do filme às suas respectivas realidades, provocando a reflexão crítica sobre um determinado objeto, neste caso a cidade, e seu desenvolvimento desigual proporcionado pela expansão do mercado imobiliário na cidade. Alguns aspectos como as relações de poder entre patrão e empregado também são narrados na experiência filmica, o que provoca reflexões sobre a forma como produzimos os nossos espaços e que cidade queremos.

Para o professor, o custo de uma atividade como esta é pequeno. Considera-se aí, que o docente tenha seu próprio computador ou a escola disponha deste equipamento para exibição do filme. Ainda, com o investimento em recursos audiovisuais para exibição de apresentações em power point

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

nas aulas, é comum que a escola disponha de um dispositivo *data show* como instrumento de projeção de imagens que possa ser instalado ao computador para a realização da sessão. O filme, objeto a ser analisado na aula pode ser obtido através da escola, por meio de construção parcerias com a produtora do filme ou por acesso a banco de dados ou cinematecas que disponibilizam filmes dos seus acervos para exibição. No caso da oficina, o acesso ao filme foi possível através da disponibilização pelo portal da Cinemateca Pernambucana, sob a anuência da gestão e da diretora do filme com o envio de um relatório sobre a recepção do filme pelos estudantes. Ou seja, o custo para a realização da sessão ressalta o caminho escolhido na concepção da proposta: uma atividade em que os recursos estivessem disponíveis nas instalações da escola ou no acervo do professor.

Figura 2



Legenda: Imagem extraída do filme *Praça Walt Disney* (2011), de Renata Pinheiro.

Fonte: PINHEIRO (2011).

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

POSSIBILIDADES DO USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA

Ao partir da posição de Carlos e Faheina (2010) em seu artigo *O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar*, tomamos a interface imagem-conhecimento como reflexão a partir da mediação entre o conhecido e o concebido. É comum associarmos a relação da imagem com a realidade porque esta é fonte e reflexo das experiências humanas no mundo. O papel mediador da imagem, ainda em Carlos e Faheina (2010), propõe ao espectador-leitor o acesso às experiências particulares por meio do arquivo mental de cada sujeito, desenvolvendo relações cognitivas com o objeto visto em tela. Neste sentido, ampliamos o campo da imagem para além da dimensão visual. Ela torna presente nas interações ordinárias do cotidiano provocando, todavia, o desenvolvimento de saberes e atribuição de significações tomando a realidade como significante.

No desenvolvimento escolar, a imagem é o meio pelo qual o contato entre o observador e o objeto observado é nutrido pelos conhecimentos adquiridos ao longo da experiência individual em múltiplos espaços, propiciando a interação entre os diversos saberes produzidos na observação como construto de um novo conhecimento. Em um mundo movido por imagens, a educação do olhar é objeto de constante embate na formação humana. Carlos e Faheina (2010), ancorados no debate sobre a epistemologia da visualidade, nos alerta que a "imagem aparece com o ímpeto de sua singularidade, submetendo a população local e global a um regime de verdade enquadrada na visão e na particularidade da coisa vista" (p. 29). Aqui, concentrado, sobretudo, no debate sobre a televisão, o papel educador do olhar é constantemente debatido sobre o que é ou não produto de reflexão sobre um objeto. Educar o olhar é fornecer um

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

campo de imagens à experiência de modo que o observador esteja em constante processo de reflexão sobre o que vê e produzir questionamentos sobre o mundo. É, também, a possibilidade em investigar como cada imagem surge e seus pressupostos que integram sua construção. É estimular de forma contínua a produção de novas imagens a partir da experiência por outras imagens e o questionar o papel de quem analisa a imagem. Mas de que forma é possível viabilizar tal processo? Utilizar o próprio campo referencial como ponto de partida ao ver uma imagem e percebê-la que esta não está vinculada a uma singularidade, mas a um campo extenso de outras imagens já construídas.

Refletir sobre o papel da interdisciplinaridade e o lugar da geografia na construção de conhecimentos, com vistas para a prática de ensino, estimula o docente assumir o papel de pesquisador. É importante lembrar que o professor precisa estar, ao nosso ver, continuamente atento aos acontecimentos no mundo. Assim, todo tipo de manifestação na sociedade precisa ser refletido e pensado para a sala de aula, estimulando o debate para a apreensão dos conhecimentos formais e não-formais. A imagem assume papel fundamental na elaboração, processo e disseminação de conhecimentos na contemporaneidade. É fato que pensamos através de imagens. Desta forma, ao pensar formas de trabalhar a geografia em constante diálogo com outros campos de conhecimento somos movidos pelo desafio em propor a sessão de cinema como metodologia para a sala de aula. Contextualizando, o filme surge como fragmento inspirado na realidade construído narrativamente (ou com ausência de narrativa) por uma pessoa ou grupo. O filme sempre coloca um ponto de reflexão sobre algo para entre em contato com o espectador que se envolve na projeção de imagens em movimento e sendo absorvido pelo campo do desconhecido que está em tela. Ao término da experiência, o espectador entra em um embate sentimental

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

acerca do que fora visto, desenvolvendo reflexões em diversos níveis sobre aspectos presentes no filme. Assim, o mesmo ocorre na prática geográfica. Mas de que forma podemos utilizar deste meio como metodologia no ensino de geografia? Inicialmente podemos dividir a experiência cinematográfica-geográfica da seguinte forma: 1) apresentação e contextualização do filme (preferencialmente um curta-metragem); 2) exibição do filme; 3) lançamento de provocações aos estudantes sobre o tema do filme através da produção de relatos sobre a temática e relacioná-los com o cotidiano de cada um; 4) indicar o desenvolvimento de atividade em que os estudantes, inspirados pela experiência da sessão de cinema, elaborem através do seu próprio acervo de imagens uma narrativa sobre o tema da aula/sessão. Esse roteiro visa estimular a associação e apropriação dos conceitos geográficos através do filme e tem como produto o retorno dos estudantes através de suas próprias narrativas imagéticas tomando de partida seus próprios acervos imagéticos.

O trabalho de Rocha de Sousa (1995) desenvolve análise sobre os aspectos representacionais da imagem na formação e produção de conhecimentos entre o ver e o olhar. Ao atravessar campos de possibilidades de compreensão da imagem através da forma como a percebemos, o texto reflete sobre a maneira como as percepções visuais integram nossos processos representacionais, formando, talvez, nossa identidade representacional. Amparada em conceituações distintas entre o olhar e o ver, o texto aponta que o ver está relacionado com a dimensão evidenciada no encontro entre coisas ou objetos a partir de uma coordenação consciente de vários olhares, formando um julgamento. O olhar está associado ao campo subjetivo daquele que vê, na abordagem proferida no texto, mediado pelo ambiente que o cerca em determinado contexto, constituindo assim, uma dimensão sobre o objeto observado.

Munido por experiências entre as artes plásticas e artes visuais, atravessadas pelas artes da modernidade como a fotografia e o cinema, a imagem amplia seu escopo analítico ao desenvolver, como enuncia o texto, uma geografia da observação, dinâmica dos diversos pontos de observação e construção da imagem em que são especializados pela diversidade de olhares. Assim, a mobilidade visual é articulada com os meios e ações que compõem o olhar ao possibilitar inserções nas subjetividades presentes em imagens. Diagnosticadas as dimensões, o trabalho segue o percurso analítico entre o ver e o olhar no campo do realismo e da aparência onde é constatada íntima ligação entre o processo artístico e o processo visual na formulação de juízos sobre as coisas. O ambiente que nos cerca, também, é condicionante na forma como vemos as coisas, tornando o mundo visível, assim, diverso e descentrado.

A imagem assume, portanto, características diversas no exercício do encontro ao trazer por meio da experiência formas distintas de observá-la e compreendê-la. Não existe um sentido único produzido pela imagem. Ela é produto do encontro em múltiplas dimensões entre o que é visto e representado. Este é o ponto crucial para a discussão lançada no texto. A imagem pode ser regida por sistemas de significação ao pensarmos a escala de alcance dos sentidos atribuídos pelos sistemas de representação que são gestados em seus meios técnico, científico e informacional. Dessa forma, à luz da reflexão teórica é desenvolvido um roteiro de atividades com estudantes afim de aprimoramento dos campos discutidos ao longo do texto. Neste sentido, é salutar a realização de propostas didáticas com estudando propondo uma emancipação do olhar, afim de estimular nos estudantes no desenvolvimento cognitivo por meio de imagens.

O trabalho de Teresa Barata Salgueiro (2001) tem como objetivo principal relacionar o conceito de paisagem e seu uso

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

na geografia, uma vez que este conceito é decisivo na consolidação da geografia como ciência. A paisagem é objeto de desejo de muitos atores ao longo da história de formas diversas. Na geografia, sua base constitutiva toma como primeira interpretação da paisagem como porção da superfície da terra cujos elementos visíveis percebidos ao olho humano, compõem este recorte. Aqui, Salgueiro faz um panorama da relação entre paisagem e geografia, enunciando aspectos fundamentais na reflexão entre o conceito e a ciência ao longo da história. Ao percorrer desde o surgimento da paisagem na pintura à revolução científica, Salgueiro aponta as mudanças conceituais e epistemológicas em torno do conceito. É possível notar a sua diferença à medida que a sociedade se desenvolve pela própria fisionomia na paisagem, o que é chamado pela autora como “morte da paisagem” pela mudança nas formas de representação da paisagem, aumento das transformações territoriais e ausência de modelos de apreciação. Em seguida, a autora discorre sobre a relação entre paisagem e geografia, especificamente. Como já fora mencionado, a paisagem na geografia surge como elemento que destaca as formas da área, privilegiando o desenvolvimento de métodos como o corológico e o morfológico; ambos vinculados ao campo das formas na análise espacial. Outro ponto dentro dos estudos de paisagem em geografia levantado pela autora é o que privilegia as características expressas pelos elementos físico-naturais com os humanos sobre uma área, a partir de suas inter-relações. Este aspecto pode nos fazer pensar no desenvolvimento da análise sobre a paisagem quanto aos gêneros de vida, uma vez que pela paisagem, em sua perspectiva corológica, os aspectos apresentados na paisagem são vistos pela relação entre sociedade e natureza para compreensão dos fenômenos espaciais.

Ao longo da apresentação, a autora destaca caminhos atuais nos estudos de paisagem: a transição na forma de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

reflexão sobre a paisagem, migrando de um enfoque sobre o objeto, físico ou ecológico, para o fenômeno, onde as formas de ver e star na paisagem explicitam as relações entre sujeito e objeto. Ainda, há premissas que consideram a paisagem como uma construção mental partidas da experiência no/do território. Tal premissa está diretamente aos modos de vida sobre o território, logo, vinculada aos preceitos primeiros já apresentados pela autora. Assim, fica claro três pontos na compreensão da paisagem sobre ela: a primeira é a paisagem enquanto recorte espacial; a segunda, é sobre a paisagem como construto das relações humanas e dos objetos. Tais pontos são resultados da retomada do conceito como objeto de análise. O desenvolvimento e emergência de novas dinâmicas espaciais encontram na paisagem, conceito capaz de sintetizar os aspectos que envolvem um dado fenômeno. A paisagem surge como contexto visual da experiência cotidiana, aspecto que provoca o surgimento da dicotomia entre o campo representacional e o campo humanístico na análise da paisagem.

Por fim, a paisagem é fonte e reflexo da produção espacial contemporânea. O desenvolvimento do conceito ao longo da história do pensamento geográfico é descrito pela autora de modo sucinto e detalhado para o leitor que está iniciando seus estudos geográficos. De tal modo, é factual as mudanças ao longo da história, sobretudo na geografia humana, que emerge sob novos conceitos formas subjetivas de reflexão sobre a paisagem. A paisagem sai do campo teórico e integra o cotidiano dos sujeitos na compreensão dos fenômenos.

O texto de Milton Santos, presente em seu livro *Metamorfoses do Espaço Habitado* (SANTOS, 2014) traz um capítulo dedicado à paisagem relacionada ao principal objeto da geografia, o espaço. A sua leitura sobre a paisagem toma como destaque o elemento da forma como elemento de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

compreensão espacial. A primeira frase do capítulo apresenta o centro da discussão, o espaço. Santos afirma que “o espaço está no centro das preocupações dos mais variados profissionais” (SANTOS, 2014). Ou seja, o espaço, na geografia miltoniana, é o conjunto de sistemas de ações e objeto que atuam de acordo com os movimentos da sociedade ao longo do tempo. Ele emenda que o espaço pode ser visto como um produto histórico ou como processo histórico. Todavia, a paisagem é vista como a soma dos diversos tempos resultadas das ações da sociedade sobre a natureza. Para esta definição, o autor aponta a importância da percepção como elemento de seleção. O horizonte está exposto na natureza para a apreensão do olhar sobre a paisagem e, assim, diagnosticar os processos socioespaciais apresentados ao olhar, sempre seletivo.

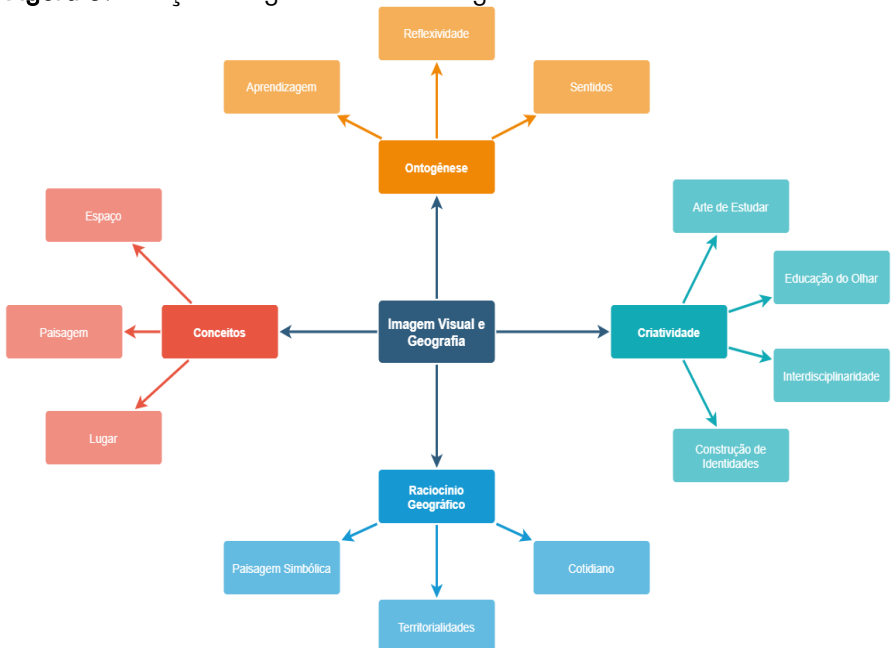
Em caminho à uma abordagem paisagística, Santos relaciona este conceito com a região, como ocorrera em tempos pretéritos na geografia. Ao evocar Vidal de La Blache e os “gêneros de vida”, Santos reitera sua reflexão em torno da paisagem ao apontar que este conceito não é mais o conceito-chave da geografia, como pensara os primeiros pensadores, pois houve mudanças significativas na sociedade. Ao mesmo tempo, a produção do espaço propicia, através do resultado da ação humana, a reprodução multiescalar das forças produtivas, materiais e imateriais, na paisagem, está em processo contínuo de artificialização, sobretudo nas cidades. Neste sentido, a relação entre a força produtiva e paisagem está representada nas palavras do autor à medida que as imposições do espaço se modificam de acordo com o nível de produção, emprego de capital, tecnologia e organização. Neste sentido, a paisagem consta enquanto resultado das dinâmicas da intervenção humana com o desenvolvimento econômico e tecnológico ao longo do processo histórico. Um exemplo desta premissa está na paisagem urbana das grandes cidades, a presença de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

temporalidades distintas que se somam na extensão do espaço urbano como presente mudança em sua forma e processo, segundo os interesses da técnica e do capital. Ao término do texto, Milton Santos esclarece com precisão a diferença entre paisagem e espaço ao apontar que a paisagem é a materialidade, formada por elementos materiais e não-materiais, enquanto o espaço é fruto da união entre a sociedade com a paisagem.

Enquanto isso, o desenvolvimento do raciocínio geográfico por meio da imagem cinematográfica com estudantes estimula a elaboração de um mapa conceitual partido de tal experiência.

Figura 3: Relação Imagem Visual e Geografia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

A constante busca do ser humano em vencer a linha do tempo ao fincar sua imagem como materialidade da sua existência no mundo é um objeto constante na larga produção e disseminação de imagens. Como costumamos dizer, desde o nosso surgimento somos cercados por imagem, seja para referenciar um espaço ou se autorreferenciar. Neste sentido, seguimos na linha do pensamento presente no texto ao compreender a ontogênese da imagem como a necessidade humana em registrar tudo aquilo possa corresponder à sua realidade. Uma forma “psicológica” de marcar o tempo e sua respectiva sobre esse tempo ao longo da história.

A geografia é considerada por alguns pensadores como uma ciência eminentemente visual. Toda prospecção geográfica é iniciada a partir da observação. Se formos à história do pensamento geográfico veremos que a análise da paisagem, inicialmente, era concentrada sob o aspecto da forma tendo como um dos seus nomes mais notáveis Carl Sauer. Dessa forma, ao pensar a paisagem, conceito geográfico, a partir de elementos de representação, podemos desenvolver uma análise geográfica a partir da forma. Contudo, essa não é a única maneira em relacionar a arte da representação. Ao pensarmos o aspecto da fruição, a forma como a arte atravessa a pessoa que consome, uma série de inter-relações entre o objeto artístico e seu observador são produzidas durante a experiência do olhar. Neste sentido, podemos considerar o papel representativo da arte, como também sua fruição, como elementos fomentadores de referenciais espaciais no desenvolvimento dos conceitos formais apreendidos em sala de aula. Assim, consideramos que tal perspectiva pode ser associada às ideias freirianas, uma vez as imagens percebidas como extensão do corpo humano tornam factível a apropriação de conceitos e categorias analíticas da geografia a partir das experiências vividas e mediadas pela arte.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Pensamos no uso sistemático de imagens na realização de aulas de geografia. Vamos considerar aqui que estamos em uma aula sobre a geografia do Recife e adotamos como recurso didático o uso de mapas e fotos do sítio urbano da cidade. Ao apresentar os mapas e fotografias de alguns lugares da cidade, contextualizando com as dinâmicas sociais que formaram a cidade, a compreensão de conceitos geográficos em torno do fenômeno urbano se mostrar pertinente ao refletirmos através das imagens.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUAR A DISCUSSÃO

Refletir por imagens é um hábito comum na sociedade contemporânea. Com o celular em mãos, somos capazes de produzir imagens na emissão de sentidos sobre um determinado tema. Contudo, analisar a imagem é uma forma de ler imagens. Quando buscamos ler imagens, estamos falando sobre a nossa capacidade de leitura do mundo. Se na geografia é comum pensar por estruturas visuais, as imagens que surgem aos nossos olhos são refletidas por meio da leitura do espaço para, em seguida, ser analisada sob um sistema racional. Dessa forma, podemos considerar que a imagem é permeada de textos articulados em outras formas de linguagem. A imagem visual emite sentidos, possui um texto sob sua circunscrição que arremata os olhos de quem observa a ponto de ser expressa pelas múltiplas formas de expressão.

Refletir por imagens é uma atividade comum em dias atuais. Especificamente, refletir sobre conceitos geográficos apresentados em sala de aula é projetar imagens para assimilação de um conceito. Afinal, a geografia é uma ciência formulada a partir de estruturas visuais. No ensino de geografia, portanto, o exercício do olhar sobre as imagens permite acessar espaços ora despercebidos a um primeiro

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

contato. O filme, neste exercício, emerge como instrumento de reflexão e ação por parte do espectador/aluno. Ao experimentar a geografia pelo filme é permitir-se viajar por geografias desconhecidas que fazem parte do cotidiano do estudante.

O estágio supervisionado é um espaço que nos possibilita arriscar com responsabilidade a aplicação de metodologias que ofereçam novos caminhos no processo do ensino e aprendizagem. Ao concluirmos que existem diversos recursos que podem ser utilizados no ensino de geografia que promovam a ação e reflexão do aluno é apresentar horizontes possíveis na formação educacional e, sobretudo, formação humana. Assim sendo, o estágio é o campo que proporciona ao licenciando conviver com a prática de ensino e convivência com o ambiente escolar. Ter a sensibilidade em perceber o lugar no qual se desenvolve a prática docente é, também, uma forma de praticar a geografia escolar.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ana Francisca de. Geografia e cinema. In: CORRÊA, Roberto Lobato.; ROSENDAHL, Zeny. **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2009, p. 95-127.
- BARATA-SALGUEIRO, Teresa. Paisagem e geografia. **Finisterra**, v. 36, n. 72, p. 37-53, 2001.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, abr. 2002.
- BRASIL. **Lei 13.006/2014**, de 26 de junho de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm. Acesso em: 26 de abril de 2021.
- CARLOS, Erenildo João.; FAHEINA, Evelyn Fernandes A. O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento. In: CARLOS, Erenildo João. **Por uma pedagogia crítica da**

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

visualidade. João Pessoa: Editoria Universitária da UFPB, 2010, p. 27-43.

COPATTI, Carina.; CALLAI, Helena Copetti. A ciência geográfica e a construção de um pensamento geográfico de professor. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v.14, n.34, jan./abr. de 2020. pp. 163-181.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

MOURÃO, Maria Dora. O tempo no cinema e as novas tecnologias. **Ciência e Cultura**, v. 54, n. 2, p. 36-37, 2002.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de.; GIRARDI, Gisele. O cinema como diferença na linguagem do ensino de geografia: uma cartografia provisória. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 45–66, 24 jul. 2020.

PIRES, Lucineide Mendes. ALVES, Adriana Olívia. Revisitando os conceitos geográficos e sua abordagem no ensino de Geografia. In: PIRES, L.M.; SILVA, E.I. **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: NEPEG, 2013, p. 235-253.

PIRES, Matheus Marchesan.; CAVALCANTI, Lana de Souza. A imagem e seus aportes ao desenvolvimento do pensamento e das funções mentais no ensino de geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 381–402, 24 jul. 2020.

QUEIROZ, Pietro Renato Félix de. **A paisagem urbana do Recife no olhar do cinema pernambucano: um estudo das imagens pela geografia cultural**. Monografia (Graduação em Bacharelado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

ROMÃO, José Eustáquio. Paulo Freire e a imagem. **Educação & Linguagem**, v. 13, n. 22, p. 77-97.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014.

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In. SOUSA, Rocha de. **Didáctica da Educação Visual**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

FILMOGRAFIA

PINHEIRO, Renata.; OLIVEIRA, Sergio. *Praça Walt Disney*. [Filme-Vídeo]. Produção de Elaine Azevedo e Roberta Garcia, direção de Renata Pinheiro e Sergio Oliveira. Recife, 2011. 35mm, 21 min. Ficção. Colorido.

CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO COM O USO DE IMAGENS NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Misaely Lucena Araújo¹²

Maria Aparecida Vieira de Melo¹³

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo principal apresentar as possíveis contribuições do trabalho pedagógico com o uso de imagens visuais no 6º ano do Ensino Fundamental, mais detalhadamente na disciplina de Geografia. São consideradas “possíveis” pois como estamos vivenciando uma pandemia, e as aulas presenciais ainda estão suspensas na maior parte das escolas brasileiras, o plano de atividades não foi executado em sala de aula por enquanto. Por isso, a análise realizada neste artigo foi sobre a proposta de atividades e não sobre algo que já tenha sido colocado em prática. A justificativa desse trabalho se dá pela relevância de discutir um

¹²Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: misaaraujo97@gmail.com.

¹³Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

tema muito importante na turma, que é “Destruição Ambiental”. De modo geral, o referencial teórico foi composto uma parte de fundamentos legais, que foram a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Geografia no Ensino Fundamental (PCN, 1998) e outra parte de subsídios teóricos que foram em linhas gerais Sousa (1995) e Edmundo (2013). Por fim, a pesquisa serviu para mostrar que o uso de imagens apresenta contribuições para o ensino de Geografia no Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Pedagógico. Imagens. Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho configura-se como uma análise acerca das contribuições que o trabalho pedagógico com o uso da imagem no Ensino Fundamental, mais especificamente em uma turma de 6º ano na disciplina de Geografia, pode trazer para a aprendizagem dos alunos. Em linhas gerais, neste artigo apresentamos um exemplo de relato de experiência vivenciado no decorrer do curso de aperfeiçoamento “em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia”, ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Neste percurso, verificamos um ponto importante durante as vivências do curso: a formação continuada de professores. A Resolução CNE/CP N° 1, de 27 de Outubro de 2020, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica, em seu Art. 4º pontua que essa formação é fundamental no sentido de proporcionar cada vez mais uma profissionalização dos professores enquanto educadores das escolas de Educação Básica, e que, tanto contribuem diariamente quanto em grande escala para a construção da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

cultura e do conhecimento dos alunos (BRASIL, 2020). Por isso, é tão essencial capacitar nossos professores brasileiros, para que possam trabalhar cada dia mais de forma competente, desenvolvendo um trabalho significativo nas escolas.

Porém, sabemos que quando se trata de educação no Brasil, enfrentamos inúmeras dificuldades tanto na esfera nacional, como na estadual e na municipal. Dois exemplos nacionais são: primeiro, os professores das escolas públicas brasileiras sofrem cotidianamente com a falta de condições dignas de trabalho, e segundo, a maioria das escolas enfrentam a escassez de recursos de qualidade para um bom desenvolvimento tanto do trabalho pedagógico quanto da aprendizagem significativa dos alunos.

Nas esferas estaduais e municipais, além das dificuldades já mencionadas, ressaltamos a corrupção envolvida nessas duas escalas, e ainda destacamos a negligência do poder municipal para com a educação. Basicamente, o que nos motivou a colocar em prática essa proposta, foi nos sentirmos capazes de fazer algo positivo para os alunos mesmo estando diante de tantos conflitos educacionais.

Porém, vivenciamos desde o ano passado (2020) a pandemia do novo Corona Vírus (COVID-19), que fez todo o mundo parar e buscar novas formas de ensino e aprendizagem. Por isso, como não retornamos ainda com as aulas presenciais, realizamos no presente artigo uma análise das possíveis contribuições de um plano de atividades para o trabalho pedagógico com o uso da imagem visual em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Esta proposta de trabalho seria desenvolvida em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

José Nunes de Figueiredo (EMJONF), localizada no município de Ouro Branco (RN). A escola de forma geral se encontra em um bom estado físico, as condições educativas daquele ambiente são adequadas à realidade dos alunos. Porém, não foi possível ainda a execução desse plano de trabalho devido à pandemia. O tema escolhido seria a “Destruição Ambiental”, que faz parte da vida de todos e não há como evitar nos sentirmos culpados enquanto seres humanos pela destruição do meio ambiente.

Pensando nisso, escolhemos esse tema para trabalhar com o público de 6º ano, que é composto por 15 alunos entrando na fase da pré-adolescência, e que já conseguem muito bem desenvolver a consciência de preservação do meio ambiente. Além disso, consideramos essencial no processo de definição desse tema, levar em conta a contextualização do mesmo na realidade vivenciada pela turma. Sobre esse aspecto, concordamos com Edmundo (2013, p. 02), quando afirma: “entendemos que a complexidade escolar não pode ser simplificada, mas interpretada para que se possa tentar compreender e enfrentar as situações e os desafios diários”. Ou seja, relacionando essa conceituação com a proposta a ser desenvolvida em sala, compreendemos que contextualização é sinônimo da complexidade escolar abordada por Edmundo, pois é nesse sentido em que devemos evitar a simplificação ou a minimização das questões e dos conflitos diários enfrentados pela escola pública brasileira.

Assim sendo, os conteúdos abordados na sequência didática proposta são os seguintes: ser humano, natureza e sociedade, de modo que os três (03) estão relacionados ao ensino de Geografia. Ao buscarmos subsídios no documento oficial da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), percebemos que esses conteúdos atendem a uma determinada unidade temática associada a um objeto de conhecimento para o 6º ano do Ensino Fundamental: a unidade temática é

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

“Natureza, ambientes e qualidade de vida”, e o objeto de conhecimento é “Atividades humanas e dinâmica climática”. Por fim, as estratégias de ensino utilizadas seriam os debates em torno da tirinha de Mafalda, e uma atividade escrita realizada sobre o conteúdo, enquanto que a avaliação deverá ser processual e formativa considerando aspectos como o interesse, a participação e a desenvoltura nas atividades propostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Antes de descrever e analisar detalhadamente as atividades que seriam desenvolvidas na escola, é importante discutir sobre os caminhos metodológicos dessa pesquisa. Com relação a abordagem, classificamos a metodologia como qualitativa, por não estarmos trabalhando com universos quantitativos, e sim com as subjetividades dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, concordamos com Minayo (2015, p. 21), quando a autora afirma sobre abordagem qualitativa: “(...) trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Isto significa em outras palavras que nosso objetivo de pesquisa se encaixa nesse tipo de abordagem qualitativa, por que estamos trabalhando com o universo explicado acima por Minayo, e não com dados quantitativos.

Além disso, consideramos que os objetivos dessa pesquisa se inserem na perspectiva explicativa, a qual segundo Gil (2002, p. 42): “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Em nosso caso, buscamos verificar e explicar quais as contribuições que o trabalho pedagógico com o uso da imagem visual pode trazer para uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental. Assim sendo, o próximo subitem corresponde a análise da proposta do plano de atividades a ser

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

realizado posteriormente em sala de aula, quando houver oportunidade.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

O plano de atividades proposto foi elaborado a partir de uma imagem visual, que no caso era uma tirinha da Mafalda:

IMAGEM 1: TIRINHA DA MAFALDA



Fonte: Google, 2021. Link de acesso: <https://3.bp.blogspot.com/-nhJIR-m2NJU/Tw2PQjIqBII/AAAAAAAAABMY/TqW_XANWmUM/s1600/tirinhas+mafalda.jpg>

Fazendo uma caracterização geral sobre o plano elaborado para esta tirinha, afirmamos que ela seria trabalhada em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, durante uma (01) aula de 45 minutos. O objetivo principal seria despertar nos alunos a visão crítica acerca da imagem apresentada, com foco no ensino de Geografia. Os conteúdos relacionados a esta atividade seriam: ser humano, natureza e sociedade (todos ancorados na BNCC).

As estratégias metodológicas seriam primeiramente apresentar a tirinha para os alunos, depois levantar

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

questionamentos gerando um debate sobre as diversas possibilidades que podem estar tornando o mundo um lugar de “desastre” como relata a personagem Mafalda na tirinha, com destaque para a discussão de problemas gerados nas relações entre o ser humano, a natureza e a sociedade. Ao final, uma atividades escrita seria passada para fixar bem os conteúdos estudados com o uso da tirinha.

ANÁLISE DA PROPOSTA

Enfocando as atividades do plano que seriam realizadas em sala de aula na turma de 6º ano do Ensino Fundamental, nos questionamos se o uso de tirinhas é relevante para o trabalho com a imagem visual e verificamos que sim, isso é importante no sentido de possibilitar além da leitura das falas dos personagens, e permitir uma reflexão crítica sobre o que está sendo representado ali, identificando a mensagem repassada por meio daquela representação. Desse modo, concordamos com Sousa (1995, p. 32), quando o autor pontua que: “ver é ir ao encontro das coisas, é a coordenação consciente dos vários olhares, das diferentes sensações, das diferentes percepções, das próprias memórias que nos informam, em boa medida, os actos e as escolhas”.

Nesse trecho é possível notar que temos uma definição do que significa “ver” no pensamento deste autor. Aqui percebemos a importância do ato de ver as coisas, que vai além do olhar, justamente a proposta do trabalho com a tirinha, que é instigar nos alunos essa consciência crítica de analisar cuidadosamente a imagem e perceber que é possível ir mais longe do que o próprio olho pode alcançar, ou seja, a intenção é “ver” o que está sendo repassado na associação entre as falas dos personagens e a imagem da tirinha.

Ainda em continuidade com o pensamento de Sousa (1995, p. 63), quando o autor aponta: “a nossa atividade visual

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

implica, como vimos, um largo índice de percepções, comportamentos, expectativas, indagações, mobilidades, conhecimentos adquiridos, conceitos, memórias”. Nesse trecho, percebemos e reafirmamos que o nosso campo visual é muito amplo, e tudo aquilo que compreendemos e expressamos a partir do que os nossos olhos capturam influi de forma significativa em nossa fala, no pensamento, na educação, na cultura, nas atitudes, enfim, no nosso cotidiano e modo de viver.

No caso da tirinha, conseguimos verificar que ao olhar para a imagem e ler as falas das personagens, tiramos as nossas próprias conclusões, ou seja, como foi dito na citação de Sousa, entendemos que não existe apenas uma forma única de analisar imagens, pois cada um ver as coisas de maneiras diferentes. Portanto, ainda que haja uma intenção por trás do que está sendo representado na tirinha, concluímos que cada pessoa que a veja analisará de forma diferente.

Ao considerar especificamente a tirinha de Mafalda apresentada, podemos perceber que a intenção de sua fala é mostrar como o planeta onde vivemos está destruído pela ação do próprio ser humano. Nesse contexto, destacamos o quão importante é trabalhar com esse tema no Ensino Fundamental, principalmente em turma de 6º ano, a qual de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia para o Ensino Fundamental, também compõe o terceiro ciclo dessa etapa de ensino.

Diante disso, ressaltamos alguns itens de parâmetros conteudistas constantes no documento dos PCN de Geografia: “poluição ambiental e modo de vida urbano; poluição ambiental e modo de produzir no campo; problemas ambientais que atingem todo o planeta (o efeito estufa, a destruição da camada de ozônio e a chuva ácida)”. (BRASIL, 1998, p. 64). Assim, notamos que o plano de atividades proposto se insere nessa perspectiva conteudista dos PCN de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Geografia para o Ensino Fundamental, pois trabalharemos com um tema que engloba todos esses aspectos.

Em relação à leitura de imagem afirmamos ser um processo que envolve muito além do que a própria visão, pois exige de quem lê a imagem, uma leitura também de mundo, de cultura, de realidades e de vivências. Então, ler uma imagem é colocar em prática conhecimentos que foram adquiridos no decorrer de nossas vidas, ou seja, é perceber que por detrás daquilo que está sendo observado existe todo um repertório cultural envolvido.

Dessa forma, concluímos que o trabalho pedagógico com o uso de imagens visuais no 6º ano do Ensino Fundamental em Geografia é capaz de transformar o ensino, oportunizando aos alunos o despertar de uma visão crítica acerca dos conteúdos estudados nessa disciplina. Em relação às possíveis contribuições do uso de imagens com o tema trabalhado, destacamos as seguintes: desenvolvimento e ampliação da criticidade enquanto sujeitos autônomos, críticos e participativos do seu processo de aprendizagem; conscientização acerca dos problemas ambientais acarretados pela ação do ser humano, e a compreensão da leitura visual de imagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi exposto, acreditamos que no decorrer desse percurso muitos obstáculos se fizeram presentes, mas obtemos resultados positivos e podemos afirmar que mesmo não estando presente em sala de aula, desenvolvemos a proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desse curso de aperfeiçoamento e consideramos no final de nossas conclusões que alcançamos o objetivo proposto que era verificar as contribuições do trabalho pedagógico com o uso de imagens em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

REFERÊNCIAS

BRASIL. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC).**

Brasília: MEC, 2017. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf> Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. **RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 27 DE OUTUBRO DE 2020.** Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2020-pdf/164841-rcp001-20/file>> Acesso em: 29 mai. 2021.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: geografia.** Brasília: MEC/ SEF, 1998. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>

Acesso em: 31 mai. 2021.

EDMUNDO, Eliana Santiago Gonçalves. A CONTEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO E APRENDIZAGEM: expandindo perspectivas em contextos de formação de docentes. In: **XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. EDUCERE.** 2013. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, de 23 a 26/09/2013. Disponível em:

<https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10267_6237.pdf> Acesso em: 29 mai. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:

<http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf> Acesso em 26 de outubro de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In. SOUSA, Rocha de. **Didática da Educação Visual.** Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

NOVOS OLHARES EM NOVOS TEMPOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA GEOGRAFIA CONECTADA AOS PRECEITOS DE PAULO FREIRE E VOLTADA A UMA EDUCAÇÃO INOVADORA

Henrique Clementino de Souza¹⁴

Ricardo Santos de Almeida¹⁵

RESUMO: Os novos olhares diante de uma formação continuada dos professores como uma forma de aperfeiçoamento dos professores fazendo uma interrelação com outras disciplinas criando uma nova visão da Geografia conceituando uma visão sistêmica dos alunos perante o objeto explorado, conceituando paisagem, lugar, espaço, fazendo uma abordagem com os alunados de uma metodologia ativa, com uma participação ativa para construção de cenários com uma visão de mundo, compreendo cada ponto de vista desta forma, com uma autoavaliação. Mostrando os novos conceitos que a Geografia de forma mais interativa e lúdica, em forma de tirinhas, trabalho de campo, maquetes, seminários entre outros. Desta forma criar uma interação dos alunos fazendo com que

¹⁴Graduado em Licenciatura Plena e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atuou por três anos como professor do ensino fundamental (6º ao 9º ano em escolas públicas). Mestre em Geociências pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁵Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

possam adquirir conhecimento e saibam explorar o que foi ensinado em sala de aula. O objetivo desta intervenção é apresentar uma nova forma de aprendizagem da geografia trazendo temas lúdicos e interativos com os alunados fazendo uso da interdisciplinaridade com outras matérias. A prática no âmbito desta atividade se desenvolveu a partir de uma proposta intervencionista pedagógica em 1 (uma) turma do 5º ano do ensino fundamental em 1 (uma) escola pública estadual no município de Parnamirim-RN, adequando-se ao novo regime letivo remoto. Ao longo de toda a jornada foi importante fazer uso da interdisciplinaridade com os alunos, abrindo um leque de conhecimento, mostrando que podemos interagir com várias disciplinas em apenas um objeto estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço, Paisagem, Lugar.

INTRODUÇÃO

A formação continuada de professores tem sido entendida hoje como um processo permanente e constante de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade dos educadores, onde cada vez mais é exigido que os professores se aprimorem, por estamos em constantes mudanças com a avanço da tecnologia no mundo cada vez mais globalizado, temos que ficar conectados cada vez mais e em tempos pandêmicos a tecnologia foi uma ferramenta que fez com que os professores e educandos interagissem cada vez mais.

Esta pesquisa aborda um novo olhar em novos tempos, fazendo uma interligação da Geografia com os preceitos de Paulo Freire, onde será dada uma abordagem com uma turma do 5º ano trazendo conceitos de espaço, lugar, paisagem fazendo uso de uma metodologia ativa onde os alunos serão envolvidos nas atividades.

Considerando-se os enunciados “ontogênese” e “aprender” como podemos na prática educativa

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo. O desenvolvimento de instrumentos como maquetes, painéis, cartazes, aulas de campo, dentre outras técnicas são de extrema valia para que isso ocorra e, desta forma possamos colocar o aluno como um protagonista ativo do seu aprender de forma lúdica, diferenciada e estimulando o pensamento crítico/reflexivo.

Os processos educativos podem estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa. É perfeitamente possível e recomendável que a equipe pedagógica da escola e, principalmente os professores efetivem essa prática para que o aprendizado seja de fato significativo, pois quando a dimensão da criatividade é estimulada a liberdade, fará com que o aluno sinta vontade para criar/produzir levando-o a uma situação de um aprendizado mais ativo, consolidar os aprendizados obtidos pelos meios tradicionais de ensino.

Desta forma, podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento) fazendo com que haja conexões com a realidade vivida pelo aluno de modo a explorar o espaço percebido e vivido, onde ele terá a liberdade criativa para expor ao seu modo e de acordo com a sua realidade os aspectos geográficos dos conteúdos, aos quais ele está tendo contato.

O objetivo principal desta intervenção é apresentar uma nova forma de aprendizagem da Geografia trazendo temas lúdicos e interativos com os alunados fazendo uso da interdisciplinaridade com outras matérias fazendo com que o discente tenha uma visão sistêmica do objeto de estudo criando um senso crítico deste.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A prática no âmbito desta atividade se desenvolveu a partir de uma proposta intervencionista pedagógica em 1 (uma) turma do 5º ano do ensino fundamental em 1 (uma) escola pública estadual no município de Parnamirim-RN, adequando-se ao novo regime letivo remoto. Trata-se de 1 (uma) escola de ensino fundamental e médio que comporta em seu quantitativo de alunos regularmente matriculados, 875 discentes que somados a 1 (uma) diretora, 1 (uma) vice-diretora, 2 (duas) coordenadoras pedagógicas, 18 docentes e demais membros da equipe de apoio, os quais totalizam o quadro funcional e pedagógico da instituição de ensino escolhida para prática da atividade proposta nesta pesquisa. A definição do tema a ser abordado na intervenção pedagógica deveu-se ao atendimento ao que preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o 5º ano do ensino fundamental, e por entender-se que cognitivamente o tema escolhido era pertinente ao corpo discente da turma em apreço no desenvolvimento desta pesquisa. Para embasar, a escolha do tema foram considerados fatores, tais como: contextualização entre teoria e vivência do corpo discente; contextualização da disciplina com outras ciências diretamente e/ou indiretamente relacionadas de modo a proporcionar o aprendizado mais interativo e significativo.

Como proposta de sequência didática na disciplina de Geografia, especificamente no 5º ano do Ensino Fundamental, propõe-se a utilização como recursos didáticos: quadro branco, livro, revistas, *instagram*, *internet* e fotografias. O tempo estimado para realização da atividade foram 2 (duas) aulas de 50min, a qual tiveram por objetivo promover o estímulo ao pensamento crítico acerca das transformações da paisagem pela ação humana. A temática da aula trata-se da interação homem-paisagem e, o conteúdo trata das mudanças

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

ocasionadas pelo homem na paisagem. A proposta didática da atividade é que por meio da tirinha escolhida será apresentada uma proposta para que cada criança exerça o seu olhar e sua respectiva análise sobre o que a tirinha tem a mostrar para ela numa perspectiva puramente analítica. No primeiro momento será apresentada a tirinha junto com os conceitos de paisagem e o quanto nossas vidas estão associadas a ela e evidenciar o nosso poder de alteração e dependência da paisagem sob diversos ângulos. Em um segundo momento, a turma e cada aluno deverá analisar de forma bem fundamental e simplista a tirinha e contextualizar com situações que permeiem o seu cotidiano. A avaliação dos conhecimentos se dará pela reprodução da ideia de uma paisagem que possa ser semelhante ao que foi apresentado na tirinha que se contextualize com o cotidiano da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da disciplina percebemos a necessidade de uma autoavaliação com os alunos de modo que cada aluno fará sua autoanálise e logo em seguida foi dado um feedback de forma geral e posteriormente individualmente, verificando que cada aluno tem um olhar diferente e uma perspectiva diferente do mesmo objeto, percebeu-se que o aluno usou o seu conhecimento empírico para descrever cada objeto de modo com o seu conhecimento, haja vista que cada aluno usou seu conhecimento de mundo de modo diferente, mesmo que os alunos sejam de uma mesma faixa etária, cada um tem uma visão diferente, assim cada objeto, paisagem ou lugar foi descrito de modo individual, não havendo nenhuma correlação com os demais.

Primeiro que o objetivo da autoavaliação não é dar nota ao aluno – para isso existem outras formas de avaliação – mas sim, encontrar os pontos em que o aluno tem mais

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

dificuldades, e trabalhar de tal forma que ele possa melhorar. Por exemplo, entender o porquê ele não prestar atenção durante as explicações, e a partir daí, buscar uma estratégia que possa atrair a atenção do aluno para a aula.

Uma imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento, através de um recurso de ensino-aprendizagem extremamente valioso, pois permite fazer com que o aluno transcenda os modos tradicionais de aprendizagem e, permite que ele explore o visual como elemento crucial para o processamento mental da compreensão sobre um determinado tema/conteúdo se consolidar.

Outra forma possível de viabilizar a educabilidade do olhar, é dotando-se uma ação pautada no desenvolvimento do conhecimento mais detalhado e cuidadoso dos produtos do meio em que o educando vive estimulando-o a realizar leituras do mundo em que está inserido e das percepções de como se vê este mundo que o rodeia.

Nos dias atuais o processo pandêmico consolida um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente. É absolutamente possível e pertinente que isso se faça. Com o uso mais intensificado no atual momento pandêmico das novas tecnologias teve-se um espaço cada vez mais amplo para explorar as tecnologias em favor de novas formas de aprendizado e obtenção do conhecimento. É relevante considerar que as novas tecnologias proporcionam experiências dinâmicas e interativas, sendo desta forma o *locus* ideal para que emergisse novas visões de mundos enxergadas e trabalhadas sob novos pontos de vista e permitindo o exercício destes novos pontos de vista.

Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, é possível articulá-la e apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento. A

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

utilização da linguagem fílmica no ensino e estudo da Geografia constitui-se como um excelente espaço de construção e trocas de conhecimento, pois permite-se fazer com que vários componentes didático-metodológicos possam ser associados a linguagem fílmica promovendo-se uma ampliação nas formas de ensinar e aprender na Geografia. Com a linguagem fílmica é possível instrumentalizar ao alunado vivências que permitem a apreensão de diversas situações de ordem cultural, social, política, econômica e ambiental, estimulando a reflexões e ações em torno do lugar que se habita.

As tirinhas/quadrinhos remetem o aluno ao lúdico ao interessante e a uma linguagem que a maioria gosta de utilizar, daí que é importante que como ferramenta didático-metodológica, a educabilidade perpassada pelo uso desta forma de se ensinar/aprender Geografia nos leva a uma observação de que o aprendizado da Geografia certamente será mais enriquecedor, haja vista que, o aluno ao usar a visão e a estimulação ao observar e pensar criticamente vai nesse movimento começando a desenvolver conexões fundamentais para entender a Geografia como uma disciplina extremamente conexa com as realidades sociais, culturais, econômicas e ambientais que os permeiam.

Para isso fez-se uso de 1 (uma) tirinha que enfatizasse o conceito-chave da Geografia, a "paisagem", que trata-se de um conceito que inclui aquelas que são transformadas por ações humanas, uma vez que o homem faz o uso do trabalho e da tecnologia para transformar e adaptar a paisagem. Desta forma, utilizaria a tirinha em uma turma do 5º ano, por exemplo. Neste sentido, utilizaria a tirinha para estimular o pensamento crítico a respeito das mudanças ocasionadas pelo homem e que estão expressas na imagem.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Figura 1 – Tirinha ilustrativa para uso em aula de Geografia proposta na intervenção pedagógica



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A percepção visual é vista com base nos seus aspectos psicológicos e físicos. Visto que podemos exemplificar o olho que parte da constituição orgânica para os seus vários indicadores como o estímulo da luz, a seletividade das células, com transmissões de estímulos para uma parte do cérebro.

Desta forma criamos um juízo de todos os aspectos, e forma descritiva em termos sintéticos. Desta forma os conteúdos que mobiliza, em mobilidade intrínseca, aumenta consideravelmente a apropriação do objeto, sua realidade, o quadro e os seus significados científica e culturalmente sustentados.

Comprendemos facilmente que a dinâmica da visão é entrosada com os diversos modos de representar, onde neste processo tudo é uma necessidade de se tornar visível, onde aquilo que é nos é dado ver de forma real, na base dos percursos físicos, uma Geografia adequada em função da memória e o trabalho da mente e do imaginário. Estão sustentados por razões culturais e não apenas biomórfico. Vemos o que sabemos das coisas e com a imaginamos ser.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

O conhecimento adquirido ao longo da vida é decisivo no exercício da visão, na qual como a projetamos o nosso cotidiano e os atos da nossa vida. A nossa visão está entre os aspectos da relação das pessoas entre se e das pessoas com a realidade, tudo isso devido um domínio dos meios de comunicação. Onde tem a capacidade de formular juízos das coisas, o homem vive em um mundo cheio de formas naturais e de objetos de civilizações, onde condiciona os sentidos na formação do ver.

O professor passou a ter um espaço mais plural e não apenas de proposição e reação; tendo o seu espaço movente onde tem o direito à diferença, a questionação e á outra resposta, passando a informar constante o processo de aprendizagem. O mundo visível tornou-se diverso e desconcentrado, ponta emergente de qualquer coisa em definição contínua, da qual a maior parte é invisível, tornando-o visível, o lado encoberto da própria obviedade.

Geografia da observação podemos designar que é tudo que na observação da realidade pode ser um ponto fixo ou em movimento, percursos organizados ou apenas um simples estímulo a resposta, as nossa diferentes colocações em geral, está entre procuras, expectativas e ciclos de pesquisa, tudo a partir de certos posicionamentos menos ou mais flexível.

A percepção visual está baseada em parte dos nossos comportamentos representativos, está baseada no modo de fazer. Sabemos que as pessoas não leem dá mesma maneira, onde os observadores nivelam cuidadosamente com assimétrico ou acentuam essa aparência duas atitudes diferentes, porém cada qual tenta simplificar os juízos dos objetos e de clarificar os dados expressos.

Com relação a educação visual, cruzam insensatamente essas escolhas durante todo o processo, onde estão incluídos linguagens de várias representações em uma sociedade de consumo, onde o supérfluo e os gostos menores

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

roubam os objetos raros e difíceis, paradigmas profundo do nosso ser, da nossa capacidade de ver, refazer e inventar.

Ver, refazer, inventar: entendimento criativo do visível, o ver é compreender, mas também é agir, refazer e inventar, onde lidamos com o conhecimento adquirido. Onde a memória tem um papel decisivo. A verdade do visível é relativa, onde muitas vezes enganadora, mas sabemos que possui ao mesmo tempo uma ambiguidade, alimenta uma larga percentagem na nossa apreensão, como a capacidade de interpretar, refletir e reelaborar os temas, onde esta comprometida. Analisando tudo isso podemos perceber que o percurso visual da leitura, vai da denotação à conotação podendo chegar perto do significado envolvido neste novo contato.

O domínio operativo inclui os dados teóricos gerais e exemplos diretos ou indiretamente ilustrativos, onde na maior parte dos casos, áreas possíveis de trabalho pedagógico-didático na linha da educação criativa e visual. Diferentemente da escola para escola, de região para região onde o professor consoante a natureza e o quadro natural da população alvo se relacionam. Com a contextualização estratégica pedagógica tem uma importância decisiva no sucesso dos meios operativos disponíveis.

Proceder, fundamentalmente: os objetos trazido para a aula, escolhendo e justificando a razão pela preferência com os formandos, os modelos mais adequados; exercitar com cada grupo o objeto fazendo uma análise detalhada com enquadramento estético-funcional, a relação entre o ver e representar, ver e refazer, ver e reinventar; fazer uma representação geográfica em quatro pontos de vista, os desenhos a ser analisados, comparados a expressão da linha, pureza, fluidez, proporcionalidade, com apropriação do efeito de perspectiva; após escolhido o ponto de vista do desenho, propor a execução sem o modelo presente; com exercícios de nivelamento e acentuação, utilizando outros fatores da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

linguagem gráfica além da linha, textura e valores de claro-escuro; uma experiência condicionada e descondicionada do uso da cor, fazendo uma simulação das cores locais, fazendo o uso livremente das cores escolhidas; representação objetivo do modelo, segundo o entendimento técnico-visual e da percepção; e a reinvenção gráfica e pictórica do modelo, com uma construção, desconstrução, sobreposições, troca de partes, colagem, entre outros, tendo com objetivo consolidar os processos da atividade visual em torno do centro de interesse e em paralelo com um dos seus suportes, a representação.

Ver, refazer, inventar o entendimento é criativo do visível sem uma boa forma de síntese no domínio operativo, onde são as seguintes fases: escolha do fruto (objeto); observação do objeto de várias perspectivas; registro objetivo por meio gráfico-pictóricos; desmontagem ordenada do objeto; trabalho de registro e pesquisa das partes selecionadas; tratamento gráfico da estrutura morfológica do objeto; aproximação dos pormenores e recomposição gráfica em conjunto de técnicas de acentuação e nivelamento; desenvolver composições volumétricas em papel a partir das partes desmontadas; criar uma recontextualização gráfica, procurando criar uma embalagem que possa conter o objeto.

Em termos gerais, foi reconhecido a importância da falta de critérios para uma realidade instável, eram idealizadas paisagens que pareciam ser reais e procurávamos encontrar o lugar ideal, as primeiras paisagens era da natureza na qual era para transmitir algumas sensações e emoções. Porém no século XIX, nos bancos acadêmicos, os pintores produziam paisagens bucólicas no qual as transformações ocorriam no real. De modo que o modelo apresentava uma imagem da realidade.

Os conceitos de "paisagem", "região", "lugar", "espaço", e "território", são áreas de exemplos pelos geógrafos na sua atividade de conhecer e estudar a superfície da Terra. Porém outras formas antagônicas aparecem ao mesmo tempo

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

como paisagem e região, ou espaço e território. Ao traduzirem os objetos de análise, uma diversidade de objetos de estudos, como os métodos de análise.

Os geógrafos inicialmente estudaram as paisagens. A paisagem é vista como uma fisionomia caracterizada por formas, estudando o método morfológico, pelos processos comparativos é possível identificar as tipologias e seus padrões de ocorrência, os elementos podem ser agrupados em diferentes escalas e cada uma com diferentes graus de complexidade. Outra linha de estudo é a paisagem com seus atributos físicos-naturais e humanos, estudando o fenômeno das inter-relações dos fenômenos no território, possibilitando a aproximação de paisagem com o da região, este modo é mais predominante na Geografia da metade do século, assim alguns autores como Sauer a paisagem é sinônimo de região, e o seu estudo inclui vários elementos que se relacionam.

Inicialmente o estudo da paisagem era focada apenas nas formas físicas da superfície, e com o passar dos anos progressivamente foi incorporado as transformações humanas no ambiente, como a individualização das paisagens culturais a face das paisagens naturais, sem perder as interligações mútuas. A ação humana foi um fato decisivo para a transformação de várias paisagens, onde alguns autores falam que não existe mais paisagem natural, só as calotas glaciais. O conceito de paisagem é visual, mas progressivamente a explicação dos recursos ocultos os 'não visíveis', da cultura, economia e da política.

Para os geógrafos no início do século XX, já estavam preocupados em uma ruptura entre Geografia Humana e Física, com isso a paisagem aparecia com um elemento integrador pois trazia entre os elementos do mundo físico e os grupos humanos em uma devida área. Com diferentes combinações morfológicas e diferentes paisagens, cada região era caracterizada com uma paisagem própria.

Na Geografia humana acentuou-se o fato de a paisagem ser um território sentido e visto, mais subjetivo e elaborado pela mente. Desta forma está mais focada no indivíduo, com suas práticas e representações do mundo exterior onde está condicionado o seu comportamento. De acordo com Brunet (1974, p.200) escreve “que importa a realidade, se a decisão é função, não da realidade, mas da ideia que se faz dela?” esse tipo de pensamento está basicamente na corrente de autores da Geografia das Representações, ou Geografia Humanista, onde se aproxima das ciências sociais.

Ronai (1976, p. 126-127) afirma que a paisagem é fruto da apreciação estética do espaço, da sua transformação, para além do espaço de uma prática, em espetáculo. Todo este percurso pela bibliografia geográfica sobre a paisagem revela que o conceito variou ao longo dos tempos e sempre ligada a diferentes escolas de pensamento. Mostra que houve uma ambiguidade em torno do conceito de paisagem, mas tudo está na diferença entre o que se vê e o modo como é visto. Nos autores saxónicos encontramos um contraponto da paisagem objetiva e subjetiva do comportamental ao fenomenal. Admitindo uma objetividade ao ‘ver’, colocando em dualidade opondo em a paisagem objetiva opondo ás sensações que produz no observador, portanto a paisagem é tudo aquilo que é mensurável e independente de nós, como é fonte de sensações vividas e sentidas, necessitando de dois métodos diferentes de estudos.

Para Rimbart (1973), as duas correntes se encontram no estudo das paisagens decorrem de diferenças no conceito de espaço: do conceito fenomenológico do espaço corporal, onde decorrerá a Geografia da percepção e do comportamento, por outro lado a Geografia do espaço radica no conceito de espaço cartesiano.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

Difícilmente se poderá chamar paisagem ao espaço entendido segundo o primeiro modo, sendo uma realidade material objetiva. Alguns autores afirmam que mesmo com a teoria dos sistemas matou a paisagem ao retirar tudo que não é material e defendendo que permitem falar de paisagem passa pela subjetividade; então não podemos confundir paisagem com uma fração da superfície terrestre, apenas restringir o termo às representações que as pessoas têm de espaço. Na Geografia humana sendo a paisagem uma representação e a paisagem enquanto extensão territorial ambos acabam de fato por não se diferenciar do espaço geográfico é um produto social, sem um processo contínuo de transformação da realidade exterior em que a retroação mútua está permanentemente a ser efetuada.

Percepção e conhecimento é quando a nossa visão vai depender de onde estamos localizados, por isso a paisagem tem escalas diferentes aos nossos olhos, dependendo do lugar que estamos amplia-se de acordo com a altura ou reduz dependendo do espaço. Por isso a percepção vem de um processo seletivo, porque é única, mas cada indivíduo vê de forma diferente.

Houve um tempo, que as pessoas falavam que a Geografia só tinha como objeto de estudo a paisagem, mas o grande mestre francês descrevia. “a noção capital do complexo local, cuja expressão concreta é paisagem”, e acrescentava: “eis o verdadeiro dado geográfico” (MEGALE, 1984, p. 126).

De acordo com a teoria de Vidal de La Blach concebia o homem como hóspede antigo de vários pontos da superfície terrestre, desta forma o homem se adaptava com o meio que estava, desenvolvendo técnicas, hábitos, costumes que poderiam ser utilizados para retirar os recursos disponíveis na natureza. Com o passar dos anos a Geografia não é só um estudo da paisagem, como os estudiosos antigos achavam, com decorrer dos anos houve uma grande transformação, havendo

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

industrialização, modernização da agricultura e outras formas de organização espacial.

Os objetos culturais de acordo com Carl Sauer propuseram que considerássemos dois tipos de paisagem, a natural e a artificial. Conforme o homem vai modificando a paisagem vai modificando a paisagem natural e desta forma virando uma paisagem artificial, como é o caso das cidades que estão sempre processo de mudança criando paisagens artificiais e ao mesmo tempo fazendo uma integração da paisagem natural.

Como definição de paisagem artificial é tudo que é transformado pelo homem e a natural é o que não foi modificação pela ação humana. Consideramos a paisagem de forma heterogênea onde possuem as duas formas artificiais e naturais ao mesmo tempo, formada por frações de ambas, onde vamos em grandes cidades com vasta áreas verdes dentro da cidade.

Paisagem e produção: os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo de produção, a circulação, distribuição e consumo. A paisagem vai se organizando de acordo com a medida que o espaço vai necessitando para várias funções do processo, por isso a paisagem urbana é mais heterogênea, porque a cidade abarca os diversos tipos de produção, onde cada um tem uma localização e o seu devido espaço. A paisagem não é criada de uma só vez, mas de várias formas e mudanças como acréscimo, substituições, um exemplo dessas mudanças são as cidades que temos várias paisagens com o decorrer dos anos.

Porém a mudança estrutural se dá pela mudança das formas, como ou até mesmo pelo aproveitamento do local, haja vista que vários locais que não são usados ganharam novas formas e utilização dos seus espaços, como, exemplo um antigo casarão pode ser demolido e ser construído para um edifício de 40 andares, casarões podem virar escolas, entre outros, tudo

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

depende de uma relação entre estrutura socioeconômica e a estrutura socioeconômica e política.

A paisagem não é o espaço, na verdade não há paisagem parada. A paisagem é formada por objetos materiais e inertes, aonde vimos que a paisagem pode mudar constantemente, como um exemplo, a praia de Copacabana em um domingo lotada de banhistas durante o dia, e este mesmo local a noite já tem uma paisagem diferente, já tem outro ar, um local mais tranquilo com poucos vendedores e turistas, outros ares. Assim a paisagem é diferente de espaço. O espaço seria o conjunto de trabalho morto (formas geográficas) e de trabalho vivo (contexto social).

A especialização não é o espaço. O espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. Desta forma a espacialidade é um momento. Vamos entender a paisagem é coisa, o espaço é estrutural e a espacialização é funcional. Podemos entender que a espacialização é algo mutável, um produto de uma mudança funcional ou estrutural. Outra forma mais clara é a paisagem é o passado e a espacialização é o presente, o agora. A espacialidade seria o momento das relações sociais geografizadas, da sociedade sobre um determinado arranjo espacial. Então a espacialização é apenas o resultado do movimento da sociedade, porque tudo depende do espaço para realizar. É o valor atribuído a cada fração da paisagem em espaço, que permite a seletividade da espacialização, não é um processo autônomo, tem origem nas relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma percebe-se que a importância da autoavaliação para com os discentes, forma que podemos ver a necessidade de haver mais interação dos alunos com os

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

professores para melhor aprendizado do conteúdo, desta forma temos que avaliar fazer uso das metodologias ativas como forma de aprendizado, fazendo com o que o aluno sintam-se dentro do processo de aprendizado.

Com isso tem-se que abordar várias formas de inclusão e diversidade, temos formas variadas de fazer essa diversificação e inclusão, no processo de inclusão serão abordados temas do nosso dia a dia que está em presente em nossas vidas, e com a diversidade da mesma forma, podendo solicitar sugestão dos alunos quais o temos que podem ser tratado em sala de aula de forma que clara e prazerosa com os alunos, assim podemos verificar ao grau de conhecimento e interesse pelos temas proposto.

Ao longo de toda a jornada foi importante fazer uso da interdisciplinaridade com os alunos, abrindo um leque de conhecimento, mostrando que podemos interagir com várias disciplinas em apenas um objeto estudo.

Assim, a leitura da imagem é capacidade que aquele que a observa e procede a leitura tem de entender o que ela tem a expressar não apenas no visível, no que é imediato, mas buscando indo além trazendo a tona o seu significado e o que ela possa representar. A imagem também pode ser um texto, pois mesmo que não haja a representação na forma escrita é possível ser um texto a partir do ponto de vista de quem a observa. Há um componente subjetivo por trás, evidentemente que não deve ser desmerecido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRUNET, R. **Analyse des paysages et sémiologie**: éléments pour un débat. *L'Espace Géographique*, 3, (2), Paris, 1974. p.120-126.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

MEGALE, J.F. A Geografia torna-se uma ciência social. In:

MEGALE, J.F. (org.) *Max. Sobre: geografia*. (Col. Grandes cientistas sociais) São Paulo: Ática, 1984, p. 7-29.

RIMBERT, S. **Les paysages urbains**. Paris, 1973.

RONAI, M. **Paysages**. Hérodote, 1, Paris, 1976, p. 125-159.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

O USO DO LÚDICO COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E ENSINO DE CONTEÚDOS PARA APRENDIZAGEM

Francisco Eliardo Nobre de Sousa¹⁶
Maria Aparecida Vieira de Melo¹⁷

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivo um estudo teórico de como as ferramentas do lúdico são essenciais para aprendizagem dos conteúdos, transformando o ambiente da sala de aula em dinâmica, interação e aprendizagem dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: interação, aprendizagem, organização.

¹⁶Graduando em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará Campus Quixadá, Gosto de trazer resultados, fascinado pelo conhecimento. E-mail: eliardonobre@gmail.com.

¹⁷Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O professor possui em suas mãos o poder de transformar o mundo, uma frase bem marcante do dia do professor. Para que o professor possa desenvolver uma mudança na sociedade é necessário ele possuir o conhecimento que aprende durante seu processo de formação para o desenvolvimento na prática, mais para que o mesmo possa ser um ser ativo nessa mudança ele precisa da união de todos, conselho escolar e família para que a educação possa ser transformadora.

Quando iniciada o desenvolvimento já mais é possível parar, mais o que se observa é uma necessidade de que o professor desenvolva uma formação e conheça as transformações e cursos ofertados para que ele coloque em prática todo o desenvolvimento de ensino e aprendizado durante sua carreira, mais o que se observa é um estado que não investe nessa formação continuada do professor para que ele consiga desenvolver na pratica suas metodologias e inicie a transformação.

O que se observa na atual educação nacional é uma sala de aula sem que o professor tenha essa capacidade de inserir o seu conhecimento e outras é necessário o engajamento dos alunos para esse desenvolvimento, mas as condições de transformação são poucas, o os cortes em recursos que são usadas no desenvolvimento.

Quando o professor traz uma forma diferente de expor aos alunos determinados conteúdos, como imagem, vídeo e lúdico para apresentar ao conteúdo o aluno ele tende a prestar mais atenção na aula e com mais participação, devido ele conhecer ao que foi apresentado mais não entende o que ocorre por dentro do seu desenvolvimento para a educação e conhecimento. Quando associa as duas coisas conteúdo e lúdico o aluno tende absorver mais e compartilhar

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

conhecimento com os outros que estão inserido junto com ele na sala.

Este projeto teve como objetivo principal o estudo como as fermentas do lúdico são essenciais para elaborar um conteúdo e expor na sala de aula para que os alunos possam aprender de acordo com o que eles assistem, observam e diariamente estão inseridos do modo de vida deles. O aluno possui maior conhecimento quando leva alguma forma de de desenhos, vídeos ou imagens que eles assistem e traz para o conceito do conteúdo que abordado dentro da aula, para isso ele tende a aprender e desenvolver conhecimento sobre aquele tema estudado na aula.

O estudante não conhece o que ele assiste o conceito daquela produção para o mundo real que ele vive, mais entende melhor quando associa aquele conteúdo abordado ao seu conhecimento que ele assiste.

Ao todo esse trabalho teve como objetivo principal o estudo de como o lúdico é importante no processo de conhecimento sobre matérias e sobre assunto que o aluno estuda, associa o conhecimento e lúdico. Além de ferramentas digitais são essenciais para que o estudante preste a atenção e possa desenvolver a esse conhecimento.

METODOLOGIA

Para elaboração do presente resultados foi elaborado questões observadas nos procedimentos que o curso abordou com questões sobre Paulo freire, aprendido a partir de conhecimentos sobre imagens e associação com realidade que se observa.

No decorrer do processo foi visto vários conteúdos sobre que lhes foi abordado durante o curso e a razão pelo qual foi abordados conteúdos e desenvolvimento de ferramentas para abordar na realidade.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Uso de mapas mentais feitos partir de plataformas digitais são essenciais, pois consegue captar atenção do aluno elabora a aplicação de certas palavras para que o aluno quando for resolver certos conteúdos consiga se lembrar do que constava no mapa mental, uma boa ilustração faz com que a atenção do mesmo redobre e ele lembre-se sempre quando o assunto for abordado.

Para uma breve avaliação se esse conteúdo realmente é funcional uma aplicação na prática e relevante pois assim se obtém mais conhecimento de dados do que foi apresentado ao estudante e se ele realmente consegue lembrar do que foi pedido e aplicado, mais quando não tem essa avaliação fica complicado com as respostas obtidas pelo estudante dentro da aula e se realmente funciona mapas mentais para ensinar ao aluno essas questões de aplicação no decorrer das atividades.

Para que esse projeto fosse desenvolvido foi necessário que o curso apresentasse obras para que o os cursistas pudessem ter esse conhecimento e elaborar esse tcc na prática para levar até as salas de aulas.

O presente artigo visa colaborar com todos os professores do Brasil em busca de inovação e conhecimento eu possa levar para a sala de aula e trabalhar com os estudantes, para finalidade de ter uma aula mais inovadora e com bastante participação e atenção destes para entender os assuntos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Este trabalho tem por resultado uma excelência no desenvolvimento de aulas mais dinâmicas e com alunos mais participativos, quando se trabalha com lúdico, é algo conhecido que marca a infância, adolescência, e assim seguinte, o aluno tende a ficar mais focado, pois é algo que ele já viu e não sabe o que foi feito as observações para ser desenvolvido aquele

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

lúdico, como os desenhos animados muito práticos para trabalhar em sala.

Além disso, ferramentas como forma de mapas mentais que conceitue mais o aprendizado do mesmo vai focalizar na busca por um desenvolvimento mais prático e com questões que analisam no dia a dia, ferramentas digitais que compõe o meio geográfico e levar essa para dentro de uma sala de aula vai colaborar e muito com os alunos eles irão desenvolver formas de aprendizado e questões que relacionam o tema vivenciado por cada um na turma.

Ao usar imagem o professor tende a captar a tenção do aluno, ele vai chamar muito o atrativo que o aluno quer que presente, não apenas um texto com várias palavras ele praticamente vai se sentir entediado e trabalhar com imagem realçar mais o cognitivo do ser, e atrair ele para aquele conteúdo aborda dentro da aula, o estudante a ter mais participação e compreender melhor o assunto que aborda.

O olhar de um estudante compreende várias coisas quando se trabalha com imagens, com lúdico ele vai aprender mais, pois e algo que vai ilustrar no seu aprendizado e contextualizar um determinado assunto com que o aluno é desenvolvido fica mais prático para o mesmo entender os assuntos que foi abordado e desenvolver dentro da escola e assim repassar para outras pessoas, além disso o estudante vai ter um olhar crítico para aquilo que lhes foi apresentado.

O estudo quando trabalhado com interdisciplinaridade tende a trazer vários conceitos de determinada aeras para que o estudante possa compreender melhor os assuntos que são apresentados.

REFERÊNCIAS

SOUSA. Rocha de. **Didática da educação visual**. Ed. Universidade aberta. Acesso em: 3 mar.2021.

O **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas** é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.

ISBN: 978-65-87824-14-7

CDL



9 786587 824147